



Departamento de História

Cidades Criativas Espontâneas

Patrícia de Souza Caçado Amorim

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Gestão e Estudos da Cultura

Orientadora:

Professora Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro/2015

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado não poderia existir sem importantes apoios e incentivos, aos quais serei eternamente grata.

À Professora Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, pela sua orientação, paciência, compreensão, incentivo e total disponibilidade e colaboração no solucionar dúvidas e problemas que surgiram ao longo deste trabalho.

A todo o corpo docente, pela importância do diálogo e da conexão com estudantes de países estrangeiros, fazendo com que as aulas sejam instrumentos de fortalecimento da difusão de seus conhecimentos. O intercâmbio de estudantes e professores de países diversos fomenta a produção de novos conhecimentos e interpretações no campo acadêmico.

Aos meus parceiros portugueses desta jornada – João Faria, Ana Lobato Castanheira, Luis Filipe Rodrigues, Marta Cavaco, Sara Santana, João Santos –, pelo acolhimento e amizade. Obrigada por me mostrarem a cultura de Portugal com tanta diversão e generosidade.

Às queridas *roomates*, que se tornaram minhas irmãs – Marina Galvão e Bárbara Vieira. Não tenho palavras para descrever meu carinho por vocês.

Aos meus familiares e amigos brasileiros, por todo incentivo, carinho, preocupação e, por mais que distantes, sempre presentes.

Por último, dirijo um agradecimento especial aos meus pais e irmãos, por serem modelos de amor incondicional, pelo incentivo, amizade, compreensão e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que ao longo desta caminhada foram surgindo. A eles dedico este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se analisar a mediação dos espaços urbanos e o desenvolvimento de seu papel nas interações sociais. O processo de pós-industrialização desencadeou o investimento nas atividades industriais inovadoras e nos setores de serviços de alto valor adicionado devido à transformação de valores sociais e culturais, celebrando o culto das mudanças e inovação. Nesse contexto, ganha destaque a indústria do conhecimento e da criatividade, surgindo os conceitos “indústrias criativas”, “economia criativa” e “cidades criativas”. Muitas das abordagens feitas pelos principais autores estão relacionadas com a procura de novos modelos de planejamento e ordenamento do território, introduzindo mecanismos políticos de governo das cidades, na construção de novos fatores de competitividade e atratividade, para funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana. Entretanto, não é posto em questão como potencializar a criatividade no território para além dos ditames econômicos. Portanto, pretende-se analisar como o uso do ambiente urbano, de forma espontânea, pode assumir uma função de alavanca na geração de dinâmicas criativas e no desenvolvimento de atividades culturais no espaço público. Para tanto, é apresentado, como principal objeto de estudo, a Praia da Estação: movimento de ocupação do espaço público de caráter cultural e político, que acontece há cinco anos na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil.

Palavras-chave: Espaço público. Cidades Criativas. Movimentos Culturais. Manifestação.

ABSTRACT

The present study proposes to examine the mediation of urban spaces and the development of its role in social interactions. The post-industrialization process triggered investment in innovative industrial activities and in sectors of high value-added services due to the transformation of social and cultural values, celebrating the cult of change and innovation. In this context, the knowledge and creativity industry can be highlighted, and concepts such as "creative industries", "creative economy" and "creative cities" emerge. Many of the approaches made by the main authors are related to the search for new models of planning and land management, introducing political mechanisms of governance in cities, in the construction of new competitiveness and attractiveness factors, to act as a catalyst of the identity of an urban community. However, it is not put into question how to enhance creativity in the territory beyond the economic dictates. Therefore, is intended to analyze how the use of the urban environment, spontaneously, can assume a leverage function to generate dynamic and creative development of cultural activities in public space. For this, it is presented as the main object of study, the "Praia da Estação": occupation movement of public space for cultural and political characters, which happens since five years ago in the city of Belo Horizonte, capital of Minas Gerais, Brazil.

Keywords: Public Space. Creative Cities. Cultural Movements. Expression.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA.....	11
1.1 Espaço público.....	11
1.2 Desindustrialização e o investimento em inovações	13
CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA.....	14
2.1 Estratégia de investigação.....	14
CAPÍTULO III – A ASCENÇÃO DA CRIATIVIDADE.....	14
3.1 Indústrias criativas e economia criativa.....	16
3.1.1 Classe criativa.....	18
3.2 Cidades criativas.....	19
CAPÍTULO IV – CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE.....	24
4.1 Belo Horizonte: um breve resumo desde o planejamento aos dias de hoje	24
4.2 Praça Rui Barbosa - Praça da Estação	30
CAPÍTULO V – MOVIMENTO PRAIA DA ESTAÇÃO.....	36
5.1 Manifestações de um mundo globalizado	36
5.2 Praia da Estação: Movimento de Ocupação Urbana Político-Cultural.....	38
5.2.1 Duelo de Mcs.....	47
5.2.2 Graveola e O Lixo Polifônico.....	48
5.2.3 Espaço Comum Luiz Estrela.....	50
5.3 Resurgimento do Carnaval de Belo Horizonte.....	51
5.4 Corredor cultural.....	55
5.5 Mapeamento cultural de Belo Horizonte	56

CONCLUSÃO.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	61
ANEXOS.....	64

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 4.1 – Mapa de contextualização geográfica de Minas Gerais e Belo Horizonte.....	24
Figura 4.2 – Planta do projeto de Belo Horizonte.....	26
Figura 4.3 – Mapa de crescimento demográfico.....	28
Figura 4.4 – Foto imagem da região metropolitana de Belo Horizonte.....	29
Figura 4.5 – Imagem Praça Rui Barbosa.....	31
Figura 4.6 - Praça da Estação década de 50.....	32
Figura 4.7 – Imagem Praça Rui Barbosa revitalizada.....	34
Figura 5.1 – Imagem divulgada nas redes sociais para o encontro “Vá de Branco”.....	38
Figura 5.2 – Imagens divulgadas nas redes sociais para a primeira Praia da Estação.....	40
Figura 5.3 – Imagens Praia da Estação, janeiro 2010.....	41
Figura 5.4 – Imagens divulgadas nas redes sociais.....	48
Figura 5.5 – Imagem retirada do videoclipe.....	50
Figura 5.6 – Figura do primeiro dia de ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela.....	51
Figura 5.7 – Imagem retirada do Jornal Estado de Minas.....	54
Figura 5.8 – Imagem do Carnaval de Belo Horizonte.....	54
Figura 5.9 – Gráfico desenvolvido pelo autor a partir do Atlas das Insurgências.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DOM	Diário Oficial do Município
EUA	Estados Unidos da América
FIF	Festival Internacional de Fotografia
FIT	Festival Internacional de Teatro
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
GLC	<i>Greater London Council</i>
MAO	Museu de Artes e Ofício
MTV	<i>Music Television</i>
ONG	Organização não governamental
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PM	Polícia Militar
TI	Tecnologia da informação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se analisar a mediação dos espaços públicos e a relevância de seu papel nas interações socioculturais contemporâneas, em que a legitimação e o reconhecimento do valor cultural geram o enriquecimento criativo dos indivíduos, a capacidade de geração de produtos imaginativos e inovativos de caráter simbólico. A partir do conceito de cidades criativas, o objetivo deste estudo passa pela compreensão da disposição física das coisas na ordem espacial e as práticas políticas e culturais associadas, entre o espaço físico e o espaço cívico. A partir deste ponto, colocam-se em questão quais consequências que essas práticas podem gerar dentro de uma cidade, tanto no âmbito da criatividade e identidade cultural, quanto na construção de novas práticas de caráter semelhante. Para tanto, é apresentado como objeto de estudo a Praia da Estação, movimento de ocupação urbana, na histórica Praça da Estação, na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil.

A ideia de espaço público está estreitamente relacionada à realidade da cidade, aos valores de cidadania e ao horizonte da civilização. Seus lugares públicos apresentam a imagem que as sociedades fazem de si próprias, fazendo da cidade um lugar particular de representação destas. É possível encontrar um expressivo resumo da nossa maneira de compreender-nos mutuamente nos nossos percursos, nas relações de vizinhança ou no modo de urbanizar esse espaço. Assim como as palavras e as ações geram um espaço público, também o espaço gera determinadas formas da política. O ambiente urbano não só reflete a ordem social, como constitui, na realidade, grande parte da existência social e cultural.

Foi a partir dos conceitos de “criatividade” e “indústrias criativas” que emergiu o conceito de “cidade criativa”. Existem diversas abordagens sobre o que esta representa, bem como a sua importância para o desenvolvimento urbano. Vários autores têm contribuído para a teorização do tema, salientando-se, entre outros, Landry e Bianchini (1995), Caves (2000), Howkins (1999, 2001), Florida (2002) e Carta (2007).

O processo de pós-industrialização desencadeou o investimento nas atividades industriais inovadoras e nos setores de serviços de alto valor adicionado, devido à transformação de valores sociais e culturais, celebrando o culto das mudanças e inovação. Nesse contexto, ganha destaque a indústria do conhecimento e da criatividade, surgindo o conceito de indústrias criativas. É nesse cenário que tem origem a tendência da economia criativa, que é fomentada pelas novas tecnologias, pela expansão das redes e pelos princípios de conexão e conectividade, geralmente do ponto de vista dos negócios, e das cidades criativas, conceito de identidade urbana e fator de geração de turismo e imagem, de caráter

urbano, econômico, cultural, ambiental ou social.

O crescente papel das atividades culturais no desenvolvimento territorial e nas dinâmicas associadas à noção de cidades criativas põe em discussão a relação entre o espaço urbano e o desenvolvimento de atividades criativas e culturais realizadas nesse mesmo espaço.

Muitas das abordagens associadas ao conceito de indústrias criativas, economia criativa e cidade criativa estão relacionadas com a procura de novos modelos de planejamento e ordenamento do território, introduzindo mecanismos políticos de governo das cidades, na construção de novos fatores de competitividade e atratividade, para funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana.

A abordagem do tema, realizada pelos principais autores, enfatiza a questão de mecanismos de valorização de identidade cultural, imaginação e criatividade, diversidade, tolerância social, cultura local, educação, entre outros, como fatores importantes de desenvolvimento de uma cidade criativa. Os termos atuais que englobam a criatividade estão atrelados aos megaeventos, a seus megaequipamentos esportivos e culturais, às culturas cultivadas, ao mecanismo político e a todo o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo. Entretanto, pouco é colocado em questão relativamente ao modo de como potencializar a criatividade no território para além dos ditames econômicos.

Portanto, pretende-se analisar como o uso do ambiente urbano, por meio de manifestações espontâneas, pode assumir a função de alavanca na geração de dinâmicas criativas e no desenvolvimento de atividades culturais no espaço público.

Entende-se que o objeto de estudo a que se refere este trabalho, a Praia da Estação, tenha a ver com esse contexto de fatores importantes de desenvolvimento de uma cidade criativa catalisador da identidade de uma comunidade urbana.

O movimento originou-se a partir de um decreto publicado pelo prefeito da cidade de Belo Horizonte proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. A partir de então, cidadãos começaram a ocupar o espaço com manifestações lúdicas e culturais como forma de protesto. Desde então, a “Praia da Estação” tornou-se um dos maiores movimentos culturais da cidade. Um protesto de caráter lúdico, no entanto, assertivo. Um ato de desobediência civil que faz do espaço um ponto de encontro, principalmente de integrantes da classe criativa, como músicos, arquitetos, fotógrafos, publicitários, gestores e produtores culturais, atores, artistas plásticos além de sociólogos, antropólogos, entre outros.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo pretende-se abordar dois temas que, combinados - espaço público e desindustrialização e o investimento em inovações -, contextualizam o tema abordado neste trabalho: as cidades criativas e os movimentos culturais de caráter urbano.

1.1 Espaço público

Os espaços públicos acompanharam e refletiram as alterações da ordem política, econômica e social sucedida ao longo do processo de transformação da cidade.

Antes de abordar o termo espaço público, procura-se ater, primeiramente, ao significado da palavra “público”. De acordo com o Dicionário Etimológico de José Pedro Machado (2003), a palavra é derivada do latim *publicus*, significando aquilo que diz respeito a todos. Essa definição pressupõe a ampliação do espaço comum e, assim, a atribuição de um valor normativo àquilo que é acessível a todos, uma passagem do comum ao público¹. As categorias pública e privada são de origem grega e foram transmitidas ao longo da Idade Média dentro dos preceitos do Direito Romano. E só obtiveram efetiva aplicação com o surgimento do Estado moderno². Foi por volta de 1470 que a palavra público começou a aparecer em publicações com conotação de “bem comum na sociedade”. E 70 anos depois adquiriu o sentido daquilo “que é manifesto e está aberto à observação geral”³.

Para Daniel Innerarity (2006), em seu ensaio “O Novo Espaço Público”, o público seria o conjunto de procedimentos mediante os quais são formuladas, discutidas e adotadas as decisões políticas coletivas. Para o autor, “público caracteriza por aquilo que é de interesse geral e apela para um espaço de ação em que todos os membros de uma comunidade política resolvem dialogalmente os assuntos que dizem respeito a toda sociedade”⁴.

Já o conceito de espaço público é relativamente recente. O termo tem seu precedente, na Grécia Antiga, como ideia de praça pública, ou *ágora*, o lugar onde os cidadãos se

¹ (Santos Filho 2004 *apud* Cerqueira, 2013: 22).

² (Habermas 1961 *apud* Oliveira, 2010: 782).

³ (Sennett 1988 *apud* Cerqueira, 2013: 22).

⁴ (Innerarity, 2006: 11).

encontravam para discutir os assuntos referentes ao governo da cidade⁵. Entretanto, a expressão espaço público aparece pela primeira vez na França em 1977, num documento administrativo, no quadro de um processo de intervenção pública, agrupando na mesma categoria os espaços verdes, as ruas, as praças, a valorização da paisagem urbana, o mobiliário urbano⁶.

As mudanças globais das cidades contemporâneas geraram uma nova atitude na compreensão do espaço público, levando Yasminie Cerqueira a considerar que “o espaço público é uma esfinge da vida urbana, assim como são as mudanças observadas nesses espaços: uma nova forma de viver o espaço público decorre de uma nova forma de viver a/cidade”⁷. O termo surge cada vez mais como base de discussão transversal a diversas ciências, originando inúmeras novas abordagens. Um dos principais pensadores modernos do assunto em contexto, Habermas, mostra que as instituições da esfera pública vão se delineando, à medida que a cidade assume suas funções culturais.

[...] toda essa mudança levou à ebulição de espaços culturais onde posicionamentos tornaram-se públicos e a cultura se configurou como mercadoria, sendo promovida a discussão sobre a subjetividade e a sua assimilação. Nesse âmbito a esfera pública surge como um espaço para a crítica literária, que passa a rechaçar o que restava de uma sociedade decadente. Novos comportamentos, novos costumes, a inserção das mulheres nos meios de discussão, enfim, uma nova cultura começa a ganhar legitimidade nesse novo ambiente. O acesso ao estudo e à comercialização da troca cultural como música, teatro, literatura, museus, dentre outras manifestações, faz com que surja uma nova classe social, uma camada culta que promove uma ruptura com a camada alta da grande burguesia (Habermas 1961 *apud* Oliveira, 2010: 783-788).

A transformação da sua estrutura econômica e social, a sua organização espacial e a sua configuração formal marcam a produção de novas territorialidades. Nesse contexto, o espaço público ganha novo significado político, ideológico, social e estrutural⁸. A problemática dos espaços públicos também resulta de uma transformação das práticas urbanas e dos usos e estatutos dos diversos espaços. Innerarity (2006) define o espaço público como um lugar onde os problemas são assinalados e interpretados, onde as tensões são experimentadas e o conflito se converte em debate, onde é encenada a problematização

⁵ (Innerarity, 2006: 11).

⁶ (Ascher, 1995 *apud* Narciso, 2009: 266).

⁷ (Cerqueira, 2013: 12).

⁸ (Narciso, 2009: 266).

da vida social. Para o autor, a ideia de espaço público reúne a totalidade dos processos de configuração da opinião e da vontade coletivas.

Neste quadro de debates, tendo por mote as artes e as indústrias criativas, surge na década de 90 do século XX a ideia das cidades criativas, que tem como conceito, de acordo com Florida (2002) - um dos principais pensadores do tema -, estimular a abertura mental, a imaginação e a participação pública, impactando a cultura organizacional.

Na intenção de estabelecer um recorte neste complexo âmbito, aliou-se o estudo do espaço público ao breve estudo da desindustrialização e investimento em inovações.

1.2 Desindustrialização e o investimento em inovações

No século XX ocorreu uma significativa transformação nas cidades com o advento da sociedade e economia do conhecimento, tendo início, assim, o reconhecimento do “capital humano”, entendido em termos sociais e econômicos⁹.

O processo de pós-industrialização, iniciado nos anos 1980 nos países desenvolvidos e nos anos 1990 naqueles em desenvolvimento, caracterizou-se pela perda relativa da participação industrial nos produtos e aumento da participação do setor de serviços¹⁰. Como o dinamismo dos serviços começou a ser menor do que o baseado na manufatura, a alternativa adotada por muitos países foi investir nas atividades industriais inovadoras e nos setores de serviços de alto valor adicionado. Entre esses, ganha destaque a indústria do conhecimento e da criatividade¹¹. A criatividade vem sendo a força motriz da economia e da vida em sociedade nos dias de hoje. Seja no trabalho ou em outras esferas da vida, a criatividade nunca foi tão valorizada e cultivada. Na economia de hoje, a criatividade é generalizada e contínua em praticamente todos os setores da economia. Aqueles que conseguem criar são os que logram sucesso duradouro. De acordo com Florida (2002), “isso sempre foi assim, desde a Revolução Agrícola e Industrial, mas, nas últimas décadas, passamos a reconhecer claramente esse fator e agir com base nisso de modo sistemático”; a criatividade tecnológica e econômica é fomentada pela criatividade cultural e interage com ela, ou seja, estão interligadas e são inseparáveis¹².

⁹ (Reis, 2008: 1).

¹⁰ (Gama, 2012: 161).

¹¹ (Gama, 2012: 161).

¹² (Florida, 2002: 5).

CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA

Para a proposição do modelo de metodologia da pesquisa, o processo de investigação buscará integrar a análise indutiva e dedutiva. A análise indutiva tem como objetivo obter conclusões gerais a partir das premissas individuais. Trata-se do método científico que se caracteriza pela observação e o registo de todos os fatos; a análise e a classificação dos fatos; a derivação indutiva de uma generalização a partir dos fatos; e a constatação/verificação.

2.1 Estratégia de investigação

A estratégia de investigação será realizada a partir da pesquisa qualitativa-intensiva. A escolha dessa estratégia foi dada com a finalidade de analisar a manifestação em profundidade, conhecer as representações e percepções existentes no ambiente, captar e analisar o discurso dos indivíduos envolvidos no movimento e observar os acontecimentos e interações nos espaços urbanos.

Um modelo de sistema de avaliação, para além de incorporar a dimensão qualitativa da realidade, deve sustentar-se em um paradigma urbano que esteja articulado com as manifestações políticas-culturais e a dimensão destas nos espaços públicos.

Para tanto, propõe-se a realizar entrevistas não estruturadas – ou não diretivas – com os participantes da manifestação, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado, na concepção do entrevistado. Vale a pena ressaltar que não se trata de deixar o pesquisado falar livremente, pois o assunto central da pesquisa é apresentado aos entrevistados anteriormente ao depoimento. Em comparação às demais técnicas, o método é considerado mais informal, mas se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados .

Os entrevistados escolhidos foram aqueles que participavam desde o início do protesto ou que tinham um nível de envolvimento com a praia mais intenso, com o objetivo de analisar o percurso da manifestação desde sua concepção até os dias de hoje. Foram selecionados também, para além dos directamente envolvidos, aqueles que de alguma forma estivessem envolvidos em atividades culturais e/ou criativas dentro da cidades, com o objetivo de classificá-los como integrantes da classe criativa. Como o protesto tem um carácter horizontal, não é apropriado considerá-los organizadores, a partir do momento em que nenhum deles permite a utilização de tais termos. Pode-se assim citá-los como os atores

de destaque da ação, uma vez que são aqueles que são citados como referência e de alguma forma “sustentam” o movimento até os dias de hoje. As entrevistas foram realizadas a partir de chamadas de vídeo pelo *skype*¹³, durante os meses de junho e julho de 2014, e pessoalmente durante as manifestações – *in loco* – no mês de setembro de 2015.

Foram utilizados na investigação outros formatos como: registo de áudio, vídeos (encontrados na internet e realizados *in loco* pelo próprio investigador), notas do investigador e respostas por escrito. Apesar de possíveis críticas em relação à polissemia dos recursos visuais nas pesquisas científicas, é notável verificar como os elementos simbólicos e os artefatos culturais são determinantes na investigação das identidades visuais, no sentido de realizar interpretações da imagem. Assume-se como ponto fundamental que toda imagem tem um sentido cultural, sobretudo quando se trata de pessoas e grupos. Em tal situação, é importante a utilização de registros imagéticos documentais já existentes e registros a serem produzidos sobre identidades culturais e sociais de comunidades e grupos a partir de suas representações estéticas e valores simbólicos. Desse modo, é possível ter formas de narrativas não verbais como elemento de análise e interpretação de identidades culturais estruturando uma relação consciente entre imagem e realidade.

Um dos significativos materiais de análise foi, também, o material de pesquisa “Cartografias Emergentes: a Distribuição Territorial da Produção Cultural em Belo Horizonte”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais. Tal material trata do estudo sistematizado da distribuição territorial das iniciativas culturais referentes aos setores prioritários da Secretaria da Economia Criativa em Belo Horizonte.

¹³ O *skype* é o *software* que permite conversas *on-line* com o mundo inteiro, a partir de chamadas de vídeo, voz, mensagens e compartilhamento de arquivos. Disponível em: support.skype.com/pt/faq/FA6/o-que-e-o-skype.

CAPÍTULO III – A ASCENÇÃO DA CRIATIVIDADE

Neste capítulo será contextualizado o surgimento dos conceitos que irão ser debatidos ao longo deste trabalho, dando destaque às cidades criativas. O objetivo é destacar as ideias mais importantes dos principais autores, a fim de compreender a construção desses novos pensamentos em relação às cidades contemporâneas e o comportamento da sociedade que as constrói.

3.1 Indústrias criativas e economia criativa

Na década de 40 do século XX, os teóricos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, idealizaram o termo indústria cultural para qualificar a nova forma de produção de bens culturais. Os filósofos procuravam definir o novo papel da arte numa era de produção massiva conduzida pelo capitalismo presente. A produção artística desviava-se dos bens de consumo espiritual para os bens de consumo primário, já que a sua produção e distribuição em nada distinguia da produção e distribuição dos bens de consumo habituais da época. A cultura de massa aparecia para substituir outras formas possíveis de cultura. Para os sociólogos e filósofos da Escola de Frankfurt, o problema da cultura de massa residia no fato de ser construída sobre uma ideologia fraudulenta¹⁴. A ideologia burguesa do fim do século XIX difundia a cultura como uma promessa de futuro, para que a população em geral não questionasse o sistema de produção e distribuição de bens materiais. O problema é que a conversão de bens simbólicos em bens materiais não superou as expectativas partilhadas, pelo contrário, alterou a cultura em mercadoria, integrando-a no sistema de valores capitalistas.

A partir da década de 70, as atividades culturais, quando ainda não eram consideradas nas suas vertentes empresariais e comerciais, tornaram-se foco de atenção e sustentação por parte das políticas culturais. Na década de 80, o *Greater London Council*¹⁵ adotou o termo indústrias culturais para englobar atividades culturais que operavam como atividades comerciais, mas que não estavam integradas no sistema de financiamento público, sendo

¹⁴ (Tavares, Luís e João, 2001: 53).

¹⁵ O Conselho da Grande Londres (*Greater London Council* - GLC) foi uma poderosa organização coordenadora do poder local em toda a área londrina, que funcionou entre 1965 e 1986. Dirigia os 33 distritos de Londres. Informação disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_da_Grande_Londres.

importantes fontes de riqueza e emprego. Por outro lado, uma significativa parte dos bens e serviços que a população consumia (tais como televisão, rádio, cinema, música, concertos, livros) não se relacionava ao sistema público de financiamento¹⁶.

O termo indústrias culturais ressurgiu nesse panorama para expressar a ligação existente entre arte e economia, consequência do desenvolvimento das atividades culturais como importantes fontes de riqueza e trabalho e da necessidade de formulação, desenvolvimento e financiamento por parte das políticas públicas. Em meados da década de 90, o conceito de indústrias culturais, baseado nessa definição restrita que se referia apenas à arte e cultura, mostrou-se insuficiente. Isso porque os avanços nas tecnologias de informação e comunicação, *software* e, em particular, a rápida emergência e massificação da Internet tiveram significativo impacto nessas atividades, não permitindo o seu enquadramento em algumas das categorias convencionais, o que as excluía do campo das artes e da cultura. É aí que as indústrias criativas são, atualmente, consideradas por muitas instituições e autores de referência como um subconjunto das indústrias culturais.

O conceito de indústrias criativas surgiu inicialmente na Austrália, no início década de 1990, porém foi na Inglaterra que ele ganhou mais impulso. O caso inglês é comumente usado como referência, devido ao seu pioneirismo e à associação do tema com uma agenda política e econômica. A Inglaterra realizou detalhado mapeamento das atividades criativas no país e conta com um Ministério das Indústrias Criativas¹⁷. O governo inglês classifica os seguintes campos como setores criativos: publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, artesanato, *design*, *design* de moda, cinema, *software*, *softwares* interativos para lazer, música, artes performáticas, indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e as atividades relacionadas às tradições culturais¹⁸.

A importância econômica das indústrias criativas é crescente. No entanto, além de ser visto como um fenômeno econômico relacionado a políticas públicas de desenvolvimento, o surgimento das indústrias criativas também deve ser associado, como já falado anteriormente neste estudo, à transformação de valores sociais e culturais, ocorrida no final do século passado, devido à sociedade pós-industrial. Esta foi denominada economia criativa, associada a uma nova oratória que ressalta a imposição da originalidade e da criatividade e realiza o rito das mudanças, das rupturas e da inovação. O discurso da época contém uma

¹⁶ (Tavares, Luís e João, 2001: 54).

¹⁷ (Bendassolli, 2009: 11).

¹⁸ (Department for Culture, Media and Sport - DCMS, 2001: 9).

inclinação do coletivo para o individual e reflete transformações em termos de valores, preferências pessoais, estilos de vida e de trabalho e perfil de consumo. Em uma sociedade pós-materialista, em que há o atendimento das necessidades básicas e, portanto, maior demanda por serviços, os indivíduos interessam-se, sobretudo, pelo atendimento de necessidades de ordem estética, intelectual, de qualidade de vida e de envolvimento em processos de tomada de decisão autônomos, que podem ocorrer no trabalho e no sistema político¹⁹.

Os conceitos de indústrias criativas e economia criativa surgem, também, num cenário em que as cidades se terceirizam como espaços privilegiados de criação de riqueza, principalmente na formação dos ambientes, dos serviços, das competências e dos talentos mais necessários ou favoráveis à criatividade e, portanto, da necessidade de medir e divulgar o retorno econômico e social dessas características, seja para justificar mudanças na governança urbana, seja para justificar estratégias de renovação e competitividade urbana²⁰.

Assim, têm destaque os elementos associados ao capital humano e organizacional para desenvolver o conceito de classe criativa, que engloba pessoas que têm capacidade de utilizar a criatividade no desenvolvimento das suas atividades profissionais.

3.1.1 Classe criativa

A ascensão da criatividade e da indústria criativa deu origem a uma nova classe, a qual Richard Florida designa por classe criativa. Essa classe, segundo o autor, reúne trabalhadores que compartilham o mesmo *ethos* criativo, que valoriza a criatividade, a individualidade, as diferenças e o mérito. Esses profissionais costumam afastar-se do controle, do consumo padronizado e da submissão às regras formais de trabalho, adotando uma postura de mais flexibilidade e autonomia²¹.

O conceito de classe criativa estrutura-se, na abordagem de Florida (2002), em torno de três Ts - tecnologia, talento e tolerância - para embasar a preferência dos membros da classe por lugares tolerantes e abertos a novas ideias onde se encontram pessoas dinâmicas e inovadoras. O índice de talento, para o autor, seria um indicador de capital humano simples que corresponde ao percentual da população com curso superior, acreditando que a universidade é um polo de criatividade. O índice de tecnologia avalia a economia de uma

¹⁹ (Perrone, Anelise, Diana, Débora e Gabriela, 2012: 2).

²⁰ (Mateus, 2010: 17).

²¹ (Florida, 2002: 223).

região em setores de crescimento acelerado como a indústria dos *software* e serviços de engenharia. Já a tolerância seria indicada por uma cidade que tenha alta diversidade racial, sendo cosmopolita e também com alta aceitação de comunidades homossexuais. Outro fator importante mencionado por Florida seria o indicador boêmio, que se baseia no número de escritores, músicos, atores, *designers*, diretores, pintores, escultores, fotógrafos e dançarinos. A junção desses fatores, de acordo com o autor, permite às cidades atrair e reservar pessoas criativas.

O segredo para entender a nova geografia econômica da criatividade e seu impacto sobre os resultados econômicos está ligado ao que chamo de 3Ts do desenvolvimento econômico: tecnologia, talento e tolerância. Cada uma dessas condições é necessária, mas sozinha é insuficiente: para atrair indivíduos criativos, gerar inovação e estimular o crescimento econômico, um lugar precisa reunir as três (Florida, 2002: 249).

Segundo Florida (2002), as comunidades que desejam ser economicamente competitivas precisam de uma atmosfera humana realmente aberta e inclusiva, que seja capaz de agradar os diversos grupos de pessoas que compõem tanto a classe criativa quanto a sociedade como um todo. Assim, a competição entre cidades passa pela atração dos membros da “classe criativa”, ou seja, aquelas com mais variedade cultural e melhor oferta de natureza artística, de eventos e de espaços comerciais e de lazer serão as cidades mais aptas a satisfazer as preferências dos criativos.

3.2 Cidades criativas

Inicialmente, o conceito de cidade criativa foi considerado o de um lugar onde os artistas desempenhavam papel central e onde a imaginação definia os traços e o espírito da cidade *Genius loci*²². Ao longo do tempo, as indústrias criativas - do design à música, das artes do espetáculo às visuais - ocuparam o centro da cena dos debates, por seu papel como

²² A compreensão de *Genius Loci* ou espírito do lugar, conceito herdado da Antiguidade, permite-nos reconhecer a realidade concreta a enfrentar e, através da Arquitetura, cumprir a sua principal tarefa de criar as condições ideais para habitar através da fundação de lugares significativos. Disponível em: http://lafis.fa.utl.pt/ciaud/res/paper/ART_Amilcar-Pires.pdf

eixo econômico. Por criar identidade urbana e fator de geração de turismo e imagem, o conceito tornou-se de caráter urbano, econômico, cultural, ambiental ou social²³.

As cidades criativas começam a ser vistas como potencial de negócios. Estas são definidas como espaços urbanos nos quais a articulação eficiente entre atividades sociais e artísticas, indústrias culturais e governo foi capaz de produzir uma efervescência cultural que desenvolve, atrai e retém talentos, promove diversidade social, aumenta a oferta de empregos e gera mais conhecimento entre cidadãos. Além de aumentar o potencial criativo de empresas e instituições, atrai mais turistas e, assim, contribui significativamente para a economia da cidade e qualidade de vida de seus moradores²⁴. Esse ambiente, cultural e economicamente favorável, torna-se atraente para as indústrias criativas e para pessoas criativas, que utilizam como pilar a capacidade de seus habitantes de colocar a criatividade em prática.

Por consequência, as indústrias e talentos que se sentem atraídos reforçam essa base criativa em um ciclo positivo. Em vez de privilegiar uma classe específica, de um grupo de pessoas no seio urbano, a cidade criativa é considerada sistêmica, integrada e incentiva o surgimento diversificado de todas as profissões, de forma complementar²⁵.

Muitas das abordagens associadas ao conceito de cidade criativa estão relacionadas à procura de novos modelos de planejamento e ordenamento do território, introduzindo, para além do dinamismo de mercado, mecanismos políticos de governo das cidades, na construção de novos fatores de competitividade e atratividade. O intuito é funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana dinâmica e de motivações, iniciativas e relações econômicas geradoras de riqueza e emprego, como mostra Mateus (2010) em seu estudo desenvolvido para o Ministério da Cultura de Portugal²⁶.

As “cidades criativas” são, assim, cidades que se procuram regenerar, do ponto de vista urbano, econômico e social, num contexto moldado por uma complexa articulação de “tempos ocupados” e de “tempos livres”, potenciada por uma mobilidade fortemente acrescida e embaratecida, pela preponderância das dinâmicas de consumo, nas atividades econômicas e por uma quase dominante terceirização, na configuração dos empregos (Matheus, 2010: 18).

²³ (Reis e Piter, 2011: 10).

²⁴ (Oliveira, 2010: 39).

²⁵ (Gomes, 2008: 47).

²⁶ (Mateus, 2010: 8-9).

De acordo com Maurizio Carta (2007), na teoria de Florida dos três Ts - tecnologia, talento e tolerância -, existe um quarto T: território. O autor considera este um recurso de significativa importância, fornecendo a *softconomy* - a economia de excelência local - e atuando como produtor de valor no capitalismo territorial, cujo capital é essencialmente espacial, relacional e de afirmação identitária²⁷. Assim, afirma a necessidade do reconhecimento não só do papel dos profissionais da classe criativa no desenvolvimento das cidades, mas também o compromisso de que a cidade, mesmo criativa, é um fator primordial na evolução da comunidade e no desenvolvimento econômico.

Esse autor embasa o conceito de cidade criativa em torno de três Cs – cultura, comunicação e cooperação – para ressaltar a importância da articulação entre os agentes e os espaços onde se desenvolvem as atividades criativas por meio de comunidades que valorizam e utilizam recursos únicos com base em instrumentos avançados.

Para Carta (2007), o fator mais importante em termos de criatividade urbana é a cultura. Segundo o autor, o seu mais distinto recurso competitivo é a sua identidade cultural, sua diversidade como um produto de sua história, gerando valor, que deve ser submerso no virtuoso círculo da economia da cultura, a geografia da experiência, o *design* de qualidade. Cultura, por conseguinte, desempenha um papel no domínio dos recursos, permitindo que a cidade se torne mais criativa. O segundo fator, de criatividade urbana, é a comunicação, ou seja, a capacidade de uma cidade para informar, divulgar informações e envolver em tempo real os seus cidadãos e infinidade de usuários. Comunicação fornece os meios para os processos de inovação e difusão. Por fim, a cooperação é entendida como a capacidade de montar uma série de componentes, concentrando ação sobre os objetivos e resultados comuns, ou seja, a aceitação explícita da diversidade a partir da cooperação entre todos os moradores da cidade, entre centros urbanos e subúrbios e todos os seus componentes diversos. Nessa teoria, a cidade criativa não é considerada apenas uma forma mais aberta de tipo de cidade, multicultural e multiétnica, é também uma cidade capaz de mobilizar sua diversidade na busca de um plano para o futuro. A cooperação, por conseguinte, redefine a comunidade urbana, atribuindo-lhe novas funções e objetivos mais claros²⁸.

A importância de se definir o conceito de cidade criativa passa pela compreensão de âmbitos econômico, social e político, incluindo a historicidade do lugar. Nesse sentido, há que se considerar as categorias de espaço e relação, que se manifestam perfeitamente nas

²⁷ (Carta, 2007: 11-13).

²⁸ (Carta, 2007: 11-13).

questões ligadas ao desenvolvimento da capacidade de inovar e criar alternativas existenciais atrativas, na busca da qualidade de vida e do bem-estar humano, de forma comunitária²⁹. De acordo com Landry (2009), uma cidade deve ser criativa por completo, de modo transversal a todos os campos, abrangendo, além das indústrias e das classes propriamente criativas, outros setores ou grupos. Segundo o autor, para que seja possível o florescer dessa classe, a administração pública deve ser imaginativa, proporcionando inovações sociais e aplicando a criatividade em áreas como saúde, serviços sociais e mesmo política e governança.

O crescente papel das atividades culturais no desenvolvimento territorial e pelas dinâmicas associadas à noção de cidades criativas põe em discussão a relação entre o espaço urbano e o desenvolvimento de atividades criativas e culturais neste. De acordo com Landry (2009), “a criatividade assume um papel essencial como elemento capaz de dinamizar o tecido urbano nas suas diversas dimensões”³⁰.

Nesse cenário, percebe-se que as manifestações espontâneas, ocupações urbanas e culturas de rua não são colocadas em discussão pelos principais autores do assunto. As discussões em torno da competitividade, atratividade e identidade cultural são dadas a partir dos mecanismos políticos ou culturas institucionalizadas, sem reconhecer a multiplicidade de outros meios criativos, como afirma Szaniecki (2006: 12).

[...] a metrópole é percebida como o novo espaço produtivo, mas os discursos em termos de “cidades criativas” tornam-se problemáticos quando visam manter uma figura industrial para a produção cultural – especificamente através do conceito de “indústrias criativas” – que rebate no desenho das políticas públicas. Assim, se por um lado essas políticas não conseguem deixar de ser setorizadas, pelo outro elas tendem a capturar a atividade cultural geral sem reconhecer a multiplicidade dos atos criativos singulares que a tornam possível³¹.

Entretanto, o que se observa é que os critérios para a avaliação da qualidade de uma cidade estão relacionados, também, à dinâmica social e artística, que colaboram com soluções criativas para a dinâmica social urbana. Um grande crítico das cidades criativas, Paul Chatterton (2000), acredita que tais políticas urbanas caracterizam-se como uma "tendência reducionista e simplista para a compreensão dos processos de desenvolvimento urbano e regional". Chatterton (2000), professor na Universidade de Newcastle, questiona "o que a sociedade tolera sob a bandeira da criatividade" e "o que acontece quando olhamos

²⁹ (Oliveira, 2010: 19).

³⁰ (Landry, 2000 *apud* Costa, Bruno e Gustavo, 2011: 7).

³¹ (Szaniecki, 2006: 12).

para além desses limites?"³². De acordo com o autor, é evidente que, quando a criatividade vem do mundo artístico e cultural do teatro, educação, um estúdio de gravação ou a oficina de um pintor, congratula-se com a sociedade. Mas, para o estudioso, isso não acontece quando a criatividade vem de grafites, manifestações públicas e outras expressões criativas que a sociedade encontra subversiva e, portanto, rejeita e reprime tais ações. "Isso nos traz para a relação entre ética, valores, democracia e criatividade. [...] Se tomarmos o conceito de cidade criativa em seu extremo lógico, então se torna a cidade criativa um *kit* de ferramentas para a desordem e atividade urbana ilegal"³³.

Pensando nesses questionamentos acerca dos principais conceitos de cidades criativas, levantam-se algumas hipóteses em relação às manifestações/movimentos de culturas populares encontradas nas cidades, com o objetivo de compreender e analisar o impacto cultural/criativo que estas podem ter em uma cidade. O ambiente urbano alavanca a geração de dinâmicas criativas e o desenvolvimento de atividades culturais no espaço público? O encontro das classes criativas nos espaços urbanos promove a disseminação de manifestações culturais e criativas em outros espaços públicos? A experiência da interação social tem grande importância no enriquecimento criativo dos indivíduos e na sua capacidade de gerar produtos imaginativos e inovativos de caráter simbólico? As manifestações culturais espontâneas funcionam como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana dinâmica e de motivações?

Para tanto, escolheu-se como principal objeto de estudo deste trabalho um movimento político-cultural de caráter popular e lúdico, a Praia da Estação, realizado numa das praças mais importantes da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, no Brasil. Antes de analisar o movimento, pensa-se na importância de apresentar brevemente, no próximo capítulo, o surgimento da cidade de Belo Horizonte e da praça em questão e contextualizar os movimentos socioculturais contemporâneos.

³² (Chatterton, 2000 *apud* Medina Estevéz, Molina-Pietro, 2013: 18).

³³ (Chatterton 2000 *Apud* Medina, Estevéz, Molina-Pietro, 2013:19).

CAPÍTULO IV – CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Neste capítulo será feito breve relato sobre a cidade de Belo Horizonte, desde seu planejamento aos dias atuais. Tendo como objetivo situar o objeto de estudo em questão, neste capítulo iremos também abordar a história da Praça Rui Barbosa, local onde ocorre a manifestação cultural a qual será nosso principal objeto de estudo.

4.1 Belo Horizonte: um breve resumo desde o planejamento aos dias de hoje

Belo Horizonte, cidade brasileira, capital do estado de Minas Gerais, foi planejada e construída para ser a capital política e administrativa do estado mineiro, sob influência das ideias do positivismo, num momento de forte apelo da ideologia republicana no país.

Com área de aproximadamente 330 km², possui geografia diversificada, com morros e baixadas. Sua população é de 2.479.175 habitantes, sendo o mais populoso município de Minas Gerais. A capital mineira é também sede da terceira concentração urbana mais populosa do país³⁴.

Figura 4.1 – Mapa de contextualização geográfica de Minas Gerais e Belo Horizonte



Fonte: ©Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³⁴ Informação disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte

A ideia de se transferir a capital do estado de Ouro Preto para outra localidade tornou-se tema central na política mineira durante o período da implantação do novo regime republicano. A transferência da capital mineira procurou marcar os novos tempos – tempo de progresso material, de progresso cultural, de cidadania e bem-estar coletivos – que a República pretendia implantar³⁵.

Cidade de Minas foi nome atribuído pelo Congresso Mineiro em dezembro de 1893 à nova capital, que deveria ser construída no prazo máximo de quatro anos, no local até então apropriado pelo Arraial de Belo Horizonte. Assim era denominado, desde abril de 1890, o antigo Curral d'El Rei. A partir de 12 de dezembro de 1897, a Cidade de Minas foi batizada a capital do estado. Essa denominação nunca agradou à população, tanto que em agosto de 1901 a nova cidade passou a ter o nome de Belo Horizonte, designação do arraial desaparecido alguns anos antes³⁶. A característica do traçado ortogonal, a fisionomia com largas ruas, avenidas arborizadas e grande número de praças eram percebidos como a concretização de uma filosofia e de uma política de uma nova proposta de vida comunitária e de uma nova forma de sociabilidade³⁷.

A área destinada à nova capital tinha um território delimitado de aproximadamente 51 km², demarcado para abrigar futuramente uma população estimada em 200.000 habitantes. A construção da nova cidade republicana não foi processo linear e isenta de dificuldades e conflitos. A edificação da nova capital, no sítio até então ocupado pelo arraial, se fez a partir do brutal desalojamento da população local e da destruição da povoação³⁸.

³⁵ (dePaula e Roberto, 2004: 11).

³⁶ (Aguilar, 2012: 5).

³⁷ (dePaula e Roberto, 2004: 11).

³⁸ (Penna, 1997 *apud* Aguilar, 2012: 5).

Figura 4.2 – Planta do projeto de Belo Horizonte



Fonte: ©Arquivo Online Público Municipal.

Belo Horizonte tornou-se, por um conjunto de circunstâncias e determinações, um espaço de renovação estética, arquitetônica e urbanística. Até 1930, dominaram os estilos ecléticos, que acolheram tanto o neocolonial como mesmo o neogótico-manuelino.

Depois da década de 30 a cidade foi tomada pelo modernismo em diversos aspectos: "de 1936 é a Exposição de Arte Moderna de 1936, também chamada de 1º Salão de Arte Moderna do Bar Brasil; também de 1936 é a inauguração do primeiro “arranha-céu” de Belo Horizonte, o Edifício Ibaté, com 10 andares, dando início à verticalização da cidade" (DePaula e Roberto, 2004: 11).

A cidade nascida da ação política, assinalada pela intervenção do Estado, considerada moderna e modernista, republicana e contraditória - sua tensão entre a forma moderna de sua estrutura arquitetônica e urbanística e certo conservadorismo - completou, na década de 40,

seu primeiro ciclo construtivo, junto à ideação da Pampulha³⁹. É importante considerar vários aspectos do desenvolvimento da cidade, como seu pioneirismo educacional, arquitetônico, urbanístico, cultural. Mas, também, reconheçam-se as desigualdades e injustiças, que cobraram enfrentamento democrático e popular.

Belo Horizonte teve crescimento populacional anual médio entre 1950 e 1960 de 7% e foi particularmente beneficiada pelo intenso processo de crescimento da economia brasileira desse período. Localizada em região estratégica do ponto de vista de dotação de recursos minerais, a cidade tanto desenvolveu diretamente, quanto foi beneficiada indiretamente pelos sucessivos blocos de investimentos em setores de minério e metalurgia de grande porte⁴⁰. O expressivo crescimento que ocorreu não foi compartilhado por todos da mesma maneira, podendo-se verificar a expansão do processo de favelização⁴¹ que acompanhou a expansão econômica da cidade.

Já os dados para as décadas 1970 e 80 mostraram tendência à queda das taxas de crescimento demográfico de Belo Horizonte. Isso, na verdade, é tendência encontrada em outras grandes cidades brasileiras do mesmo período, que trai tanto fenômeno demográfico estrutural – a rápida queda das taxas de fecundidade no Brasil naquele período –, quanto fenômeno urbano mais complexo, que está associado ao crescimento dos preços da terra urbana e mesmo a certa desconcentração espacial das atividades econômicas⁴².

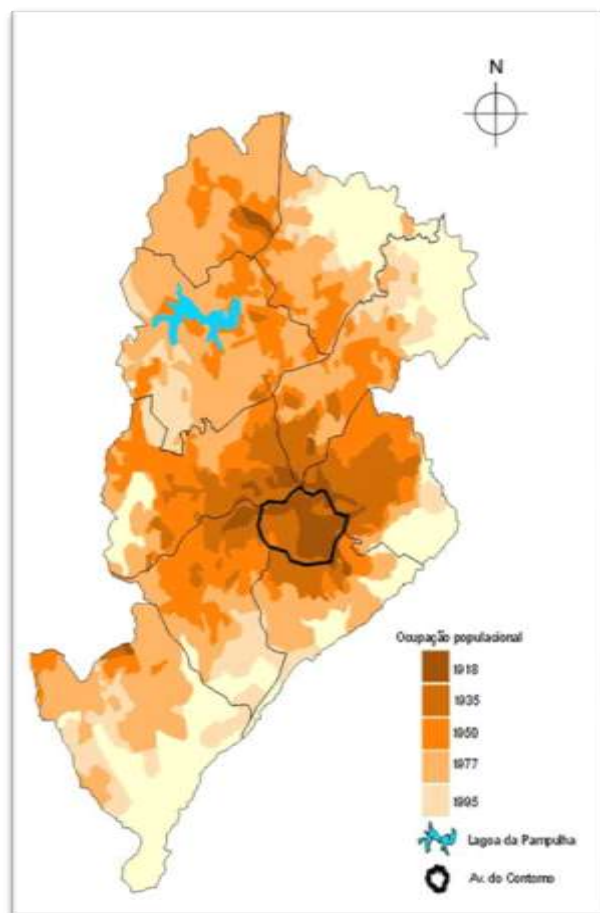
³⁹ Pampulha é uma região administrativa (regional) de Belo Horizonte construída no início da década de 1940, quando o prefeito era Juscelino Kubitschek. Para compor o seu entorno, Oscar Niemeyer projetou um conjunto arquitetônico que se tornou referência e influenciou toda a arquitetura moderna brasileira (www.pbh.gov.br/historia_bairros/PampulhaCompleto.pdf).

⁴⁰ (dePaula e Roberto, 2004: 19).

⁴¹ Favelização é o nome dado a um fenômeno social que ocorre em centros urbanos em que há o crescimento e proliferação das favelas em quantidade e em população, eventualmente associado à transferência da população local de moradias legalizadas para conjuntos urbanos irregulares.

⁴² (dePaula e Roberto, 2004: 20).

Figura 4.3- Mapa de crescimento demográfico



Fonte: © Plano Metropolitano de Belo Horizonte.

No caso de Belo Horizonte e do Brasil como um todo, nas décadas de 1980 e 1990 não houve significativos avanços políticos e sociais. Mesmo tendo certa melhoria de indicadores de condições de vida, é notável e impossível ignorar a contundência da crise social, econômica, urbana e de infraestrutura.

Hoje, Belo Horizonte está distante da imagem idealizada no plano da nova capital. A cidade cresceu, mas de modo confuso e caótico. Tornou-se centro do estado, com papel relevante no desenvolvimento econômico e social de Minas Gerais.

Figura 4.4 – Foto imagem da região metropolitana de Belo Horizonte



Fonte: © EEI.

A imagem da cidade é diversa daquela proposta no plano: em lugar da cidade da ordem e do progresso, idealizada pelos republicanos, vê-se a cidade da desordem e do atraso em várias questões.

Entretanto, a capital, nos últimos anos, vem ganhando forças na cena da criatividade e cultura, podendo-se verificar características da teoria de cidades criativas, desenvolvida por Florida (2002). Belo Horizonte é sede da considerada a segunda melhor universidade do país, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), reconhecida mundialmente. O cenário tecnológico também vem mudando bastante na região. Empresas como *Google*, *Microsoft* e *Telemar* transferiram seus departamentos de tecnologia da informação (TI) para a capital mineira, e outras grandes empresas de tecnologia também estão instaladas na cidade, que serve como grande palco também para as *startups*. Atualmente, a capital abriga mais de 120 *startups*, mais que o triplo de dois anos atrás. A aglomeração de *startups* no bairro São Pedro rendeu ao local o apelido de San Pedro Valley, numa referência ao

americano *Silicon Valley* - ou Vale do Silício - região da Califórnia apinhada de empresas de tecnologia como *Google*, *Facebook* e *Apple*⁴³.

O circuito cultural Praça da Liberdade, inaugurado em 2010, reúne 12 museus e espaços culturais e consagra-se como um dos mais importantes circuitos culturais do Brasil, além de diversos festivais de rua, como a Virada Cultural, promovida pela prefeitura, que vem ganhando força e público. A cidade recebe hoje diversos festivais internacionais, como o Festival Internacional de Teatro (FIT), Festival Internacional de Curtas, Festival Internacional de Fotografia (FIF), Festival Literário Internacional, Festival Internacional de Corais, entre outros.

4.2 Praça Rui Barbosa - Praça da Estação

A Estação Ferroviária começou a ser construída em 1904 e sua inauguração se deu em 1914, quando a praça ainda se chamava Cristiano Ottoni. Como não conseguia mais atender ao fluxo de passageiros e à demanda da nova capital, a primeira estação foi demolida para a construção de uma nova, inaugurada em 11 de novembro de 1922 em estilo eclético. Em 1924, a então Praça Cristiano Ottoni, que abrigava a estação ferroviária, recebeu o nome de Praça Rui Barbosa, em homenagem ao jurista e político baiano⁴⁴.

⁴³ Informação retirada do site da eGenetic Brasil – Negócios no Brasil, empresa de tecnologia alemã, referência mundial na geração de Leads online. Disponível em: <http://brazil-blog.egentic.com/2013/11/porque-a-egentic-escolheu-bh-como-sede.html>

⁴⁴ (Lima, 2014: 941).

Figura 4.5 – Imagem Praça Rui Barbosa



Fonte: © ufmg.br.

Conhecida popularmente como Praça da Estação, o local era considerado a grande referência de vazio urbano da área central da cidade, que comportava múltiplos usos e que estava intimamente relacionada às manifestações culturais imateriais e à memória do lugar da partida e chegada de trens de passageiros à capital⁴⁵. Esses valores eram características essenciais para a associação de uma identidade ao lugar como espaço funcional na malha urbana da cidade, sendo ocupado majoritariamente por atividades culturais ocasionais. Simbolizava uma referência urbana de espaço público, que reunia características favoráveis para comportar mobilizações sociais e as mais diversas formas de expressão cultural.

Nas décadas de 40 e 50 houve acelerada expansão urbana horizontal e vertical em Belo Horizonte. O grande desenvolvimento do transporte rodoviário provocou a mudança no uso da estação, restringindo-a ao transporte de cargas e a alguns trens suburbanos, intermunicipais e interestaduais. Ao longo do tempo a praça foi sendo abandonada pelos habitantes da cidade, deixando, também, alguns prédios da região deteriorados, por vezes sem uso. O principal motivo do abandono foi a vinculação social do lugar como

⁴⁵ (Miranda, 2007: 140).

funcionalmente ultrapassada, uma vez que o país tinha optado pelo sistema de transporte por meio rodoviário, em detrimento do sucateamento do transporte ferroviário de passageiros. Sob esse ponto de vista, o conjunto ferroviário que envolvia a Praça da Estação passou a vincular-se, no campo da memória coletiva, a um modelo econômico falido para a economia do país, sendo considerado inútil à sociedade⁴⁶. Assim, o uso do lugar modificou-se, dando espaço a estacionamento de carros e caminhões. O abandono da praça fez com que se tornasse um sítio relacionado à violência e à prostituição.

Figura 4.6 - Praça da Estação, década de 50



Fonte: © grupopracadaestacao.blogspot.com.br.

Na década de 80, a população de Belo Horizonte voltou a ocupar a praça com manifestações políticas, comícios e passeatas, fazendo do local um espaço de interlocução entre a sociedade civil e o governo, além de se instalar o trem metropolitano⁴⁷.

No final do século XX e início do século XXI, a praça passou por expressiva revitalização. Além do restauro arquitectónico da Estação Central e da instalação do Museu de Artes e Ofício (MAO)⁴⁸, os edifícios do entorno como a Serraria Souza Pinto⁴⁹, a Casa do

⁴⁶ (Miranda, 2007: 143).

⁴⁷ (Miranda, 2012: 66).

⁴⁸ Inaugurado em 14 de dezembro de 2005, é o primeiro empreendimento museológico brasileiro dedicado integralmente ao tema do trabalho, das artes e ofícios no país, com 9.000 m² de área. É um dos museus mais bem estruturados do Brasil em termos de organização, estrutura para as exposições e uso de recursos audiovisuais. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos.

Conde⁵⁰, o Centro Cultural da UFMG⁵¹ e a Funarte⁵² foram totalmente recuperados. Assim, o espaço voltou a ser considerado um grande largo urbano, propício para grandes encontros e manifestações populares, além de se apresentar como importante espaço de articulação urbana⁵³. Sua reinauguração se deu em 12 de agosto de 2004. Nesse mesmo ano a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) lançou o projeto “Centro Vivo - Plano de Reabilitação de Belo Horizonte”, com o objetivo de se criar ali um espaço cultural⁵⁴.

⁴⁹A Serraria Souza Pinto faz parte do conjunto arquitetônico da Praça Rui Barbosa, de Belo Horizonte. Foi erguida em 1912, sendo uma das primeiras construções da capital a utilizar estruturas de ferro. Foi tombada em 1981 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais e restaurada em 1997 para a realização de eventos. Em dezembro de 1998, a Serraria foi incorporada ao patrimônio administrado pela Fundação Clóvis Salgado, tornando-se um espaço para espetáculos, feiras, congressos, eventos sociais, comerciais e técnico-científicos. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Jean%20C%3%A1ssio%20Lima.pdf

⁵⁰A Casa do Conde de Santa Marinha (conhecida apenas como Casa do Conde) é uma grande casa de eventos localizada em Belo Horizonte na avenida do Contorno e construída em 1896 pelo conde português Antônio Teixeira Rodrigues (que, em 1894, veio ao Brasil para integrar a equipe construtora da nova capital de Minas Gerais), e acabada antes mesmo da inauguração oficial da capital (em 1897). A casa ocupa área de 37.000 m² e é formada por um palacete imperial, sete galpões, oito salas que ocupam cerca de 10.000 m² do terreno e estacionamento com 600 vagas. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Jean%20C%3%A1ssio%20Lima.pdf

⁵¹O Centro Cultural UFMG é um órgão da Universidade Federal de Minas Gerais que promove, produz e divulga cultura, atuando em todas as suas esferas. O Centro tem como principais tarefas estimular a criação artístico-cultural; promover interações entre arte, ciência e filosofia; promover o fortalecimento da identidade cultural da comunidade acadêmica e a cidadania cultural da comunidade em geral; desenvolver experiências conjuntas entre as diferentes áreas do conhecimento e a comunidade. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Jean%20C%3%A1ssio%20Lima.pdf

⁵²A Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) é uma fundação do governo brasileiro, ligada ao Ministério da Cultura. Atua em todo o território nacional e é o órgão responsável pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes visuais, à música, ao teatro, à dança e ao circo. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Jean%20C%3%A1ssio%20Lima.pdf>

⁵³ Informação disponibilizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil em: www.iab.org.br/

⁵⁴ (Lima, Marcela Amorim, 2014: 943).

Figura 4.7 – Imagem Praça Rui Barbosa revitalizada



Fonte: ©belarq.com.br.

Entretanto, em dezembro de 2009, a Prefeitura de Belo Horizonte, liderada pelo prefeito Márcio Lacerda, publicou um decreto proibindo eventos de qualquer natureza no local, condenando o lugar a se tornar um espaço vazio sob a justificativa de se garantir a segurança pública, diminuir a aglomeração de pessoas a fim de preservar o patrimônio público.

Decreto nº 13.798 de 09 de dezembro, 2009 - O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no art. 31 da Lei Orgânica Municipal, considerando a dificuldade em limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública decorrente da concentração e, ainda, a depredação do patrimônio público verificada em decorrência dos últimos eventos realizados na Praça da Estação, em Belo Horizonte, DECRETA: Art. 1º - Fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta Capital. Art. 2º - Este Decreto entra em vigor no dia 1º de janeiro de 2010 (Diário Municipal do Município de 10 de dezembro, 2009)⁵⁵.

⁵⁵Decreto Publicado pela Prefeitura de Belo Horizonte no Diário Oficial do Município. Disponível em: portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732.

Imediatamente, a decisão encontrou forte oposição dos cidadãos, que começaram a discutir, nas redes sociais, sobre a decisão autoritária do prefeito e a possível gentrificação que poderia ocorrer com a aplicação do decreto. A partir desse momento, nasceu o movimento Praia da Estação, objeto principal deste estudo.

CAPÍTULO V – MOVIMENTO PRAIA DA ESTAÇÃO

A reconstrução histórica do movimento Praia da Estação será permeada pelas vivências, escutas, vídeos, fotografias, entrevistas e leituras (teses e noticiados da imprensa). Por meio da utilização desses fragmentos procuramos perceber as principais modulações do acontecimento da Praia, e compreender os desdobramentos de diversas iniciativas a partir do movimento.

O estudo do grupo de pesquisa indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais: “Cartografias Emergentes: A Distribuição Territorial da Produção Cultural em Belo Horizonte” foi de notória importância para a análise dos possíveis desdobramentos da Praia da Estação. Esse grupo objetiva o estudo sistematizado da distribuição territorial das iniciativas culturais referentes aos setores prioritários da Secretaria da Economia Criativa em Belo Horizonte, produzindo cartografias críticas, georreferenciadas e colaborativas que, por meio de processos acadêmicos e participativos, localizem, no território da cidade, as atividades culturais existentes.

Foi também de grande importância a dissertação de mestrado “Uma ‘Praia’ nas Alterosas, uma ‘antena parabólica’ ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte”, de Thiago Oliveira.

Antes de discutir sobre o movimento em questão, é necessário abordar, inicialmente, as manifestações político-culturais contemporâneas, a fim de contextualizar tal movimento.

5.1 Manifestações de um mundo globalizado

É importante estabelecer relações entre o processo de globalização contemporânea, culturas da juventude e formas de objeção dos jovens da atualidade. Ao analisar o processo de globalização dos dias atuais, podem-se verificar as tensões e complexidades que esse período histórico estabelece para as configurações das sociedades vigentes. Percebem-se as transformações provocadas pela etapa histórica contemporânea, que estipula novas perspectivas configuradoras das formas de ser e existir no mundo, tendo em conta os processos de individuação como as movimentações sociais⁵⁶.

Procuramos reflectir sobre processos de construção das culturas juvenis em um período histórico como o da globalização contemporânea, marcado pela intensa interação,

⁵⁶ (Costa, 2006 *apud* Oliveira, 2012: 35).

comunicação e fluxos informacionais. As culturas juvenis conduzem à construção de estilos de vida conectados a experiências sociais dos jovens e que, em sentido mais restrito, têm a ver com a constituição de microssociedades independentes⁵⁷. O elo entre culturas juvenis e globalização é verificado como inseparável da análise dos processos ligados à globalização da cultura e à produção do imaginário, circulação e produção de localidades. As características do processo de globalização que vivemos - um mundo de fluxos - se dão, também, por objetos em movimento, tais como: ideias e ideologias, pessoas, bens, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas⁵⁸.

Esse ideal juvenil, desenvolvido a partir da globalização, observado pelos processos dinâmicos de intercâmbio cultural e simbólico, mostra tendências à estruturação das culturas dos jovens, referenciadas e constituídas por processos de intercâmbio cada vez mais globais e com grande influência na produção dessas mesmas culturas nas localidades onde é seu efetivo território de atuação.

Muitos questionamentos se fazem quanto às diferentes formas de urbanismo e de governo urbano colocadas em prática por diferentes políticas territoriais, quando se observam diversos movimentos juvenis contemporâneos que têm como característica a ocupação dos espaços urbanos. Diferentes movimentos sociais surgiram em várias partes do mundo, obtendo expressivo destaque por causa das suas atuações políticas. Mesmo apresentando uma pauta particular a seus contextos, tais movimentos, por apresentarem formas similares, tomaram a dimensão de movimento global. Entre eles destacam-se a “Primavera Árabe”, que teve início no norte da África, derrubando regimes políticos na Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen; “Estenderam-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia, revoltas no subúrbio de Londres e ocupações na *Wall Street*, nos Estados Unidos da América (EUA), alcançando a Rússia no final do ano”⁵⁹. Houve o mesmo formato de protestos nos países citados, que tinham como característica o uso de redes sociais da Internet para a organização e divulgação e, posteriormente, ocupação de espaços urbanos - especialmente praças -, os chamados *okupa*⁶⁰.

⁵⁷ (Costa, 2006 *apud* Oliveira2012: 36).

⁵⁸ (Oliveira, 2012: 36).

⁵⁹ (Carneiro, 2012 *apud* Harmann e Fabrício, 2013: 20).

⁶⁰ Os *okupas* também são conhecidos como *squatters*. Entre eles, o termo "ocupação" é grafado com K para diferenciar suas intervenções das outras, marcando o caráter políticos de seus atos. A letra remete ainda à cultura *punk*, que, ao lado do anarquismo, forneceu as diretrizes básicas do movimento *squatter*. As ocupações são feitas em regime de autogestão, sem chefes ou líderes. Para

Nesse cenário, surge o movimento da Praia da Estação, em Belo Horizonte, onde se observam características semelhantes aos movimentos globais. O movimento e a sua relação com a cidade é única e singular, não existindo, portanto, outra igual, entretanto, deve ser entendida como um acontecimento histórico e socialmente contextualizado.

5.2 Praia da Estação: Movimento de Ocupação Urbana Político-Cultural

O movimento contra o decreto da Prefeitura de Belo Horizonte iniciou-se com um protesto chamado “Vá de Branco”, organizado nas redes sociais, que ocorreu no dia sete de janeiro, juntando cerca de 50 pessoas que procuravam respostas do poder público em relação à decisão de proibir eventos de qualquer natureza na Praça da Estação⁶¹.

Figura 5.1 – Imagem divulgada nas redes sociais para o encontro “Vá de Branco”



Fonte: ©vadebranco.blogspot.com

osokupas, a construção de um espaço alternativo baseado em princípios de solidariedade e respeito mútuo é uma forma de resistir ao pensamento capitalista, centrado nas noções de propriedade privada e na massificação cultural. Disponível em: revistadehistoria.com.br/secao/artigos/okupar-e-resistir.

⁶¹Informações obtidas pelo site *Global Voices Brazil: Landlocked Crowds set up a Beach in a Mountain Town*. Encontrada em: globalvoicesonline.org/2010/06/04/brazil-landlocked-crowds-set-up-a-beach-in-a-mountain-town/

Nota-se a importância dada ao cenário urbano como espaço de comunicação e sua relação com a produção cultural, como relata Milena Migliano (2013), participante do movimento, em seu artigo escrito à Universidade Federal da Bahia.

[...] compartilhávamos a insatisfação em ter um prefeito autoritário que tem como objetivo a espetacularização urbana tendo a especulação imobiliária como meta diretriz do planejamento da cidade ao invés de potencializar os espaços públicos enquanto lugares para o encontro da diversidade cultural, econômica e social. A primeira reunião pública foi a definição de criarmos uma lista de *e-mails* e posteriormente um *blog* na internet, que teria o *login* aberto para quem quisesse postar (Migliano, 2013: 43).

Nesse encontro ficou assente, para os manifestantes, a necessidade de iniciar um movimento de raiz popular, não partidário e a favor de uma cultura local e gratuita. E das discussões que se seguiram, surgiu a ideia do movimento “Praia da Estação – A Praça é Nossa”. Assim, de acordo com Migliano (2013), os ativistas decidiram marcar encontros na praça aos sábados, com piquenique, bebidas, biquíni e calção, toalhas, chapéus, tambores e guitarras. “O convite incitava a ação lúdico-política na praça, já que a ideia era ocupar a praça para viver um dia de praia, encontros inusitados e de muita conversa sobre o decreto”⁶².

DECRETO Nº 13.798 DE 09 DE DEZEMBRO DE 2009 do nosso digníssimo prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, proíbe que aconteça qualquer tipo de evento na Praça da Estação. A pergunta permanece: a quem interessa que os espaços públicos sejam apenas pontos de passagem e consumo? Se nos é negado o direito de permanecer em qualquer espaço público da cidade, ocuparemos esses espaços de maneira divertida, lúdica e aparentemente despretensiosa. Traga sua roupa de banho (bermuda, calção, biquíni, maiô, cueca), boias, cadeiras, toalhas de praia, guarda-sol, cangas, farofa e a vitrolinha... Traga tambores e viola! Traga comida para um banquete coletivo! Onde? Praça da Estação - Hipercentro de Belo Horizonte. Quando? Sábado, 16/01/2010, 09h30min. Quanto? De graça!⁶³

Nesse cenário, os manifestantes criaram os Eventões, convocando a população a levar à praça eventos de qualquer natureza, contrapondo-se ao artigo 1º do decreto. A primeira Praia da Estação foi realizada no dia 16 de janeiro de 2010 e a partir dessa data foi instituído o encontro todos os sábados do verão.

⁶² (Migliano, 2013: 43)

⁶³ Postagem realizada por Fernanda Alyssa no blog BH Não Lugares. Disponível em: bhnaolugares.blogspot.com.br/2010/01/prai-na-praca-da-estacao.html

Figura 5.2 – Imagens divulgadas nas redes sociais para a primeira Praia da Estação



Fonte: @midiaindependente.org.

Centenas de pessoas aderiam ao protesto, que causou a intervenção do poder público no local, proibindo a instalação de sistemas de som. Os policiais chegaram a cercar a praça com fita de isolamento, mas acabaram cedendo diante do argumento de que pessoas reunidas, a rigor, não configuravam um evento. Tentaram novamente impedir a ação, argumentando que cadeiras e barracas são mobiliário urbano, portanto, o movimento se configurava como tal. Com isso, os manifestantes tomaram a iniciativa de segurar cadeiras e tendas no ar, desconstruindo o argumento dos policiais. O ato de proibição gerou a indignação dos manifestantes, que decidiram bloquear o tráfego de automóveis no entorno da praça, fazendo com que alguns manifestantes fossem presos. O depoimento de João Flor de Maio, artista plástico, demonstra compreender a interação com o espaço urbano, vinculada à ideia de protesto, a um caráter de manifestação política e social. Em sua fala, fica evidente a compreensão de que o momento lúdico permite que um espaço ofereça experiências subjetivas e que essa ocupação traria consigo questões como a ilegalidade e a audácia na sua produção, sendo uma criação intimamente vinculada à vivência na cidade.

Teve um evento que eu fui preso. [...] A praça tem uma fonte, que inclusive eles não têm ligado mais, para tentar atrapalhar o movimento, que não faz diferença porque as pessoas dão um jeito. E nesse dia quando ligaram a fonte, um rapaz tirou a roupa. Era uma época que tinha uma tensão política contra o prefeito, o mesmo prefeito do decreto, e rapidinho apareceram policiais e fizeram ele se vestir de novo. Eu não sei como, de repente, apareceu o batalhão inteiro da polícia ali. Cavalos... enfim... uma coisa absurda porque o cara ficou segundo ali sem roupa, na praça. [...] Eles queriam prender o cara de qualquer jeito. Queriam usar a força, né? E aí, naquela confusão, naquela emoção veio o pessoal que estava tocando, um bloco de carnaval que estava ensaiando, e ficou tocando na frente do carro da polícia. Algumas pessoas se sentaram no chão para impedir o carro de polícia de sair. Mas a polícia

militar veio formando um cordão, eles se deram os braços e foram empurrando as pessoas, que conseguiram escapar. Levaram o rapaz e nessa hora todo mundo começou a gritar, muito emocionados, “vamos tirar a roupa também”. Foi aí que eu tirei a roupa, só que eu achei que ia ser um movimento. No caso, eu acho que a maioria ficou um pouco tímida e eu soube que mais uma ou duas pessoas tiraram a roupa também, mas por alguma razão a polícia me levou. E foi bem tenso, porque tinha helicóptero. O que me revoltava naquele momento era a mobilização enorme do estado por causa de um motivo absolutamente banal (entrevista de João Flor de Maio, 2014, Anexo A, p. 83).

Noutra tentativa de boicotar o evento, os policiais resolveram desligar as fontes de água que se localizam no chão da praça. Entretanto, os participantes arrecadaram dinheiro entre eles e contrataram um caminhão-pipa⁶⁴ para jogar água nos manifestantes e dar sequência ao protesto lúdico.

Figura 5.3 – A) Imagens Praia da Estação, janeiro 2010



Fonte: ©pracalivrebh.wordpress.com.

As trocas de experiências e o vínculo afetivo estabelecido entre os participantes do movimento mostram-se bastante fortes em alguns discursos, evidenciando seu caráter

⁶⁴ O caminhão-pipa pode ser utilizado para controle de emissão de poeira, umectação de vias e pátios, terraplenagem, irrigação, lavagem de ruas e praças, abastecimento de água potável em residências, condomínios, indústrias e navios. Disponível em: <http://www.vigilanciaemsaude.ba.gov.br/>

identitário. Em entrevista dada à SescTV, o antropólogo e produtor cultural Rafael Bastos ressalta:

É interessante. O chamado falava para as pessoas trazerem adereços, biquínis, caixa de isopor, prancha, boia. Elementos que pudessem de alguma forma compor esse momento, além de cartazes ou faixas, que pudessem de alguma forma informar às pessoas que transitavam, que passavam por aqui, do que se tratavam. A gente já estava se preparando para refrescar e aplacar o calor com a água da fonte. Mas pensamos que poderia haver o boicote da prefeitura e as fontes serem desligadas. E foi o que aconteceu. As fontes foram desligadas. Nós “passamos o chapéu”, fizemos uma “vaquinha” e pagamos o caminhão-pipa. Tivemos o primeiro banho da Praia da Estação com o caminhão-pipa, que acabou virando um grande ícone, um grande símbolo da Praia da Estação aqui em Belo Horizonte. Então, talvez, o banho do caminhão-pipa, do ponto de vista performático, imagético, seja o momento ápice da praia no instante de subversão e ao mesmo tempo de “rasteira” dentro do ato, do gesto deliberado do poder público em tentar minar a intervenção da sociedade, cortando a água das fontes (Entrevista de Rafael Bastos ao SescTv,)⁶⁵

Figura 5.3 – B) Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010



Fonte: ©pracalivrebh.wordpress.com.

⁶⁵ O SescTV é o canal do Serviço Social do Comércio (SESC) São Paulo na TV e na internet. Com uma programação de entrevistas, artes visuais, literatura, música brasileira, dança contemporânea, curtas e documentários, as atrações destinam-se a todas as faixas etárias, incentivando a interação e o contato com as diversas da arte e diferentes modos de pensar, agir e sentir. Disponível em: <http://arquiteturas.sesctv.org.br/category/praca-da-estacao/>

A repercussão na mídia local e nacional e a persistência dos manifestantes em continuar o movimento todos os finais de semana, cada vez agregando mais adeptos e outras práticas culturais, fizeram com que a prefeitura reagisse. Instituiu-se uma comissão não paritária para rever o decreto e formular uma nova solução para o uso da praça. No dia 4 de maio de 2010, o decreto que proibia os eventos foi revogado. Entretanto, a prefeitura publicou um novo decreto em que estabelecia que os eventos deveriam ser licenciados, cobrando taxas de R\$ 9.600,00 a 19.200,00 para a realização destes, além de exigir que os realizadores deveriam garantir a limpeza da praça, segurança privada, aluguel de banheiros químicos, grades de proteção dos jardins. Foi determinado, também, que os realizadores deveriam controlar a entrada da população no espaço público, com recolhimento de alimentos não perecíveis ou cobrando ingresso distribuído previamente em outro espaço da cidade. O novo decreto não satisfaz a vontade dos manifestantes, que em sua maioria, de acordo com reportagens e relatos, eram pessoas que atuavam no nicho cultural da cidade:

Grupo transforma praça de BH em praia durante protesto” BELO HORIZONTE - Um grupo formado por atores, músicos, jornalistas, artistas plásticos e moradores de Belo Horizonte fizeram [*sic*] um protesto inusitado neste sábado. Cerca de 70 pessoas, segundo a prefeitura da capital, transformaram a Praça da Estação em uma “praia” para chamar a atenção para a proibição de grandes eventos populares no local. Eles usaram boia, biquíni e até uma peteca para a representação. Desde dezembro, a Prefeitura de Belo Horizonte proibiu a realização de grandes eventos em frente à Estação Central, alegando dano ao patrimônio público. O lugar já foi espaço de exposições de jogos de futebol, de *shows* e de apresentações de quadrilhas de festas juninas, além de apresentações teatrais. Segundo o Secretário de Administração da Regional Centro-Sul, Fernando Cabral, nos últimos evento [*sic*], a prefeitura identificou depredação na praça e confirmou que não há previsão de liberação do espaço (Jornal O Globo – 16 jan. 2010)⁶⁶.

⁶⁶ Jornal O Globo (Minas) sobre a primeira Praia da Estação. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/grupo-transforma-praca-de-bh-em-praia-durante-protesto-3067738.

Figura 5.3 – C) Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010



Fonte: ©imaginacopa.com.br.

Durante os encontros de janeiro de 2010, os manifestantes decidiram realizar um bloco de carnaval do movimento. Na altura, a prática cultural do carnaval de rua, em Belo Horizonte, era praticamente inexistente. O ressurgimento foi estimulado por foliões que, em 2009, sem liberação no trabalho durante o feriado ou mesmo sem recursos financeiros para viajar para outras festas de carnaval, realizaram dois blocos – Tico-Tico e Peixoto – e saíram às ruas, nos dias da festa, ocupando comunidades da cidade com marchinhas políticas, instrumentos musicais e fantasias. É importante ressaltar que esse movimento, por menor que fosse na altura, também foi de natureza político-cultural e o assunto será tratado mais à frente.

A resistência do movimento foi sendo solidificada. Os eventos continuaram a acontecer todos os sábados do verão e esporadicamente nos dias quentes ao longo do ano.

Figura 5.3 – D) Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010



Fonte: Praçalivrebh.wordpress.com.

Com a resistência do movimento, em setembro de 2011, o prefeito Lacerda sancionou, enfim, aquela que ficou conhecida como Lei da Praça Livre, que permite a realização de eventos de pequeno porte nos espaços públicos da cidade sem depender de autorização municipal. Àquela altura, a Praia da Estação já tinha se firmado como ponto de encontro de debates sobre os novos rumos da cultura na cidade, permitindo, a partir disso, a organização de muitas articulações, alinhando discursos com alguns grupos artísticos.

A Praia da Estação gerou vários outros pontos de debate em relação à ocupação dos espaços públicos da cidade, além de ter agregado imenso número de pessoas da classe criativa, que aproveitaram tal encontro para gerar novas formas de manifestações culturais, como o surgimento de novas bandas, de coletivos de arte, produção cultural, como relata Janaína Macruz, produtora cultural e banhista da praia:

[...] depois disso acontece uma coisa maravilhosa que, para mim, 2010 é um marco na cidade de Belo Horizonte. A praia fez com que as pessoas que estavam fazendo coisas na cidade, engajadas tanto em movimentos políticos e sociais quanto artisticamente, se encontrassem e se conhecessem. Eu falo assim, mesmo na área da cultura. A gente, a galera da música, a galera do teatro se conheceu um ao outro. De repente se formou uma rede na cidade. A partir daí, um foi conhecendo o trabalho do outro, de levar coisa para a rua, e essa vontade de estar na rua também, se apropriar da cidade, transformou numa grande rede (entrevista de Macruz, 2014, Anexo A, p. 68).

Bruno Medeiros, músico, e Matheus Rocha, músico e produtor cultural, relatam que a praia é um lugar de artistas de vários nichos e que o movimento proporcionou o encontro de várias pessoas, no caso deles, vários músicos. Bruno conta que a partir do movimento inaugurou-se o ateliê Alcova Libertina. “Muitos amigos começaram processos relacionados a bandas e até blocos de carnaval que continuam hoje e são referências na cidade” - relata Bruno.

[...] a praia tem várias coisas. Muita gente se juntou. O Estrela pode-se dizer que é um filho da praia. Mesmo a gente da Casinha, começamos a fazer coisas na rua. O pessoal do Sensacional... eu não sei ao certo as datas, mas tudo coincide nessa época. [...] É gente nova com essa noção de pertencimento da cidade, onde as trocas acontecem, as pessoas que se conhecem, que fazem coisas novas e que movimentam toda a cultura da cidade. Essa coisa do encontro, acho que o grande lance foi esse, [...] encontrar, trocar ideias e propor coisas novas (entrevista de Rocha, 2014, Anexo A, p. 65).

De acordo com o estudo do antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004), há uma imprescindibilidade do estranhamento e desenraizamento no conhecer a cidade contemporânea. Esses fatores, segundo o autor, permitem atingir novas possibilidades cognitivas, a partir de um resultado de misturas imprevisíveis e causais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos. Essa afirmação remete ao caráter polifônico e híbrido da cidade, em que a escolha do objetivo, o que justifica a procura de um transeunte, constrói seu caminho e permite vivenciar novos encontros. Perceber esses acontecimentos na cidade como pequenos encontros possibilita a análise do potencial de transformação social que esses eventos evidenciam por meio da ação humana⁶⁷.

⁶⁷ (Canevacci 2004 *apud* Hamann e Fabricio, 2013: 25).

5.2.1 Duelo de Mcs

Um grande movimento cultural da cidade, existente no entorno da Praça da Estação, que se fortaleceu a partir de 2010, o Duelo de Mcs é considerado o maior movimento de *rap* e *hip hop* do Brasil. Desde 2007, o *hip hop*, o *rap* e outras culturas de rua tomaram seus lugares embaixo do Viaduto Santa Tereza e fizeram dali ponto de encontro e convivência, tendo como destaque moradores de bairros de periferia e baixa renda da cidade. Em 2012, surgiu o grupo Real da Rua e, em parceria com a organização não governamental (ONG) Pacto e a Família de Rua – coletivo dos realizadores do evento em questão –, objetivou solucionar problemas em relação à manutenção do evento, como: iluminação, limpeza e segurança. Essas demandas começaram a surgir devido ao crescimento do público, que ao longo dos anos foi se diversificando e crescendo. A partir daí estabeleceu-se um diálogo com a prefeitura que, segundo o relato do grupo, reagiu de forma autoritária.

Diante das necessidades, na tentativa de uma construção de diálogo com a prefeitura, a PBH estruturou sua resposta: ações integradas de repressão, envolvendo a [Polícia Militar] PM e a Guarda Municipal, com o objetivo de prender os malfeitores e afastar o pixo. A prefeitura, representada por diversos servidores, posicionou-se: não seria mera executora, a oferecer banheiros, lixeiras e limpeza, estavam dispostos a articular um plano de ação para o local, no período da festa. Propuseram abordagens, patrocínios, separação dos bons e maus frequentadores com grades e revista e a possibilidade de tornar o duelo um projeto-piloto da política anticrack (Página oficial Real da Rua - *facebook*)⁶⁸.

A partir desses encontros, os realizadores recusaram-se a participar desse projeto, alegando ser uma manobra de higienização social e gentrificação. Após essa tomada de decisão do grupo, a PBH impediu que o evento continuasse sendo realizado. Após um ano de proibição, com muitas reuniões de caráter horizontal, e devido ao fechamento do viaduto para reforma, o evento voltou a ser realizado em 2015.

⁶⁸ Relato retirado na descrição do grupo, na página oficial do *facebook* Real da Rua. Disponível em: www.facebook.com/RealdaRua?fref=ts.

Figura 5.4 – Imagens divulgadas nas redes sociais



Fonte: © facebook.com/RealdaRua?fref=ts.

Foram muitas as reivindicações e continua sendo uma das maiores referências de cultura de rua não só da cidade, mas do Brasil. Um dos exemplos é que hoje Belo Horizonte recebe as finais dos campeonatos nacionais de *rap* ou também chamado Duelo de Mcs.

5.2.2 Graveola e O Lixo Polifônico

A banda Graveola e o Lixo Polifônico, formada em 2004, é um grupo composta por jovens músicos que, para além do compromisso com a música contemporânea de Belo Horizonte, dedicam-se a causas sociais na cidade. Alguns dos integrantes da banda ajudaram a dar forma ao movimento da Praia da Estação, como relatou, em seu depoimento, o músico Bruno Medeiros: "lembro de ver algumas coisas na internet na época de pessoas como o Luiz Gabriel (vocalista da banda) e mais uma turma tocando um violão e fazendo menção à praia" (entrevista de Bruno Medeiros, 2015, Anexo A, p.87). Em entrevista à revista Sagarana, Luiz Gabriel Lopes, vocalista do Graveola e O Lixo Polifônico, fala sobre a participação do grupo no movimento.

Eu acho que a gente é personagem disso, assim como todos os grupos que participam deste processo. Não somos protagonistas mais do que ninguém. Essa postura política é algo que está no nosso cotidiano. A gente tenta aproveitar o poder de mobilização da banda para fortalecer esses movimentos. A impressão que eu tenho é que estamos vivendo um momento de construções coletivas. E isso tudo é fruto de um acúmulo que vem desde a Praia da Estação, desde o renascimento do carnaval, desde as ocupações urbanas - coisas que se criaram a partir das necessidades da cidade (entrevista de Luiz Gabriel Lopes 2013, à revista Sagarana)⁶⁹

Em 2013, o grupo lançou em seu álbum *Liquidificador* a música *Babulina's Trip*. Tanto a música quanto o videoclipe fazem referências à Praia da Estação e à Cultura Global. Aparecem neste vários atores da cena cultural de Belo Horizonte, como emblemático jornalista e produtor cultural Luciano Tiara, conhecido como Cafa Sorridente, que narra no início do videoclipe críticas às ações da PBH: “[...] chafariz que deveria ser acionado às onze horas da manhã, não foi! O sol, o concreto têm vilipêndiação de regras absurdas!” O vídeo teve repercussão nacional, sendo transmitido na *Music Television* (MTV) Brasil no mesmo ano.

Mobilidade pelo mundo
Amabilidade
Amabilidade pelo mundo
Mobilidade
Pra todo mundo reouvir
Pra todo mundo refazer
Pra todo mundo realçar pra poder viver bem
Chegou a caçarola da preguiça, salve Jorge Ben
E junto com a malta progressista, salve bebeléu
Do clássico, da novidade, do brejo da cruz
A rádio *dub-soul* de Valadares *habla pacumã*
No *jazz-filosofia* do *bordello* rege o roquenrol
Da praia cimento da lúdica revolução
A língua do tambor engordurado toca portunhol

⁶⁹ Revista Sagarana é uma revista de turismo e cultura de Minas Gerais, que está há 18 anos no mercado e tem como objetivo estimular a discussão sobre o potencial de Minas Gerais para incrementar o turismo por meio da revitalização e preservação de seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ecológico. A entrevista está disponível em sua 45 edição online. Disponível em: <http://revistasagarana.com.br/entrevista-luiz-gabriel-lopes-e-jose-luis-braga/>.

Lisboa meso-luso-brasileira já dançou baião
Na volta do mundo conecta uma mesma oração

(Letra da música: Luiz Gabriel Lopes).

Figura 5.5 – Imagem retirada do videoclipe



Fonte: ©youtube.com/watch?v=f-rk9DbItgE.

Luiz Gabriel, também relata sobre a consolidação dos movimentos culturais urbanos de Belo Horizonte em seu depoimento à revista.

Eu começo a sentir uma necessidade de me aproximar de outras galeras, no sentido de troca criativa. Tem um tanto de gente produzindo em Belo Horizonte e eu estou impressionado com a nova geração. Ela pegou o lastro tanto da linguagem, quanto da formação de um público consumidor de cultura independente e chegou com força total. Já não tem o carma de inventar uma cidade, responsabilidade que a nossa geração pegou para si. Essa galera de 20 e poucos anos já nasce nesse contexto de cidade inventada: existe carnaval, existe da Estação, existe uma série de eventos realizados nos espaços públicos. Ela também já nasce na rede e se movimenta dentro dela com muito menos pudor. (entrevista Luiz Gabriel Lopes, 2013 à revista Sagarana)

5.2.3 Espaço Comum Luiz Estrela

Outro movimento político-cultural de destaque é o Espaço Comum Luiz Estrela, que se desmembrou dos encontros da Praia da Estação, como mostrado anteriormente no depoimento do produtor cultural Matheus Rocha. O espaço autocaracteriza “como um lugar de criação e compartilhamento artístico, político e cultural, aberto e autogestionado”. Surgiu em 26 de outubro de 2013 a partir de uma ocupação lúdica, de um imóvel público pertencente à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais que se encontrava abandonado havia mais de 20 anos. Artistas, em sua maioria frequentadores da Praia da Estação, promoveram uma das primeiras ocupações culturais do Brasil.

Figura 5.6 – Figura do primeiro dia de ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela



Fonte: ©divirta-se.uai.com.br.

A polícia tentou retirar os jovens, mas o coletivo invocou o artigo 216 da Constituição Federal, que determina que também cabe à sociedade civil salvaguardar o patrimônio cultural. A partir de então, os artistas se organizaram e até os dias de hoje o espaço proporciona à cidade diversas atividades culturais por intermédio dos seus núcleos: de memória e restauração, teatro, infracultura e hospedagem criativa. Há também projetos de pedagogia libertária, comunicação, artes expandidas e audiovisuais.

5.3 Ressurgimento do Carnaval de Belo Horizonte

É importante salientar, neste contexto, o ressurgimento do carnaval de rua de Belo Horizonte. De acordo com o historiador e carnavalesco Guto Borges, o carnaval da cidade começou a ressurgir em 2009, paralelamente à Praia da Estação, entretanto, foram impulsionadas pela mesma situação de cidade, o mesmo sentimento da sociedade em relação ao - considerado entre os participantes de ambas as manifestações - abuso de poder público.

Até onde eu consigo perceber (até por fazer parte de dois inícios) o movimento da Praia da Estação e o do Carnaval de Rua foram dois movimentos distintos que, por compartilharem vontades políticas muito semelhantes, acabaram por terem suas trajetórias cruzadas. Isso fez a coisa explodir no nosso apoteótico sábado de carnaval, quando sai justamente o Bloco da Praia (entrevista de Borges, 2014, Anexo A, p.74).

Belo Horizonte já possuía, em seu cronograma festivo oficial, o desfile das escolas de samba. A função primária do incentivo do poder público para com o evento se pauta pela necessidade do aumento do fluxo turístico na cidade durante o feriado. Além do incentivo municipal, o carnaval oficial de Belo Horizonte projeta também a participação da iniciativa privada. Entretanto, percebia-se que em tal época os moradores das cidades, principalmente os jovens, deslocavam-se para outras cidades durante o feriado nacional e o fluxo de turismo era praticamente insignificante.

Na contramão das iniciativas municipais, os jovens da capital mineira propuseram um carnaval que motivasse os próprios moradores da cidade a ocupar as ruas para festejá-las, para reivindicá-las, reativando algo de essencial no carnaval brasileiro que havia se perdido na cidade: sua irreverência e espontaneidade.

Inicialmente, em 2009, como já citado, eram dois os blocos espontâneos que foram levados às ruas. Já em 2010, impulsionados pelos eventos da Praia da Estação, surgiu, então, sua versão em bloco carnavalesco, caracterizada pelas músicas de carnaval com alto teor político. Os manifestantes vestiram-se de foliões, a fim de criticar as proibições do poder público ao uso da cidade, entre outras questões como a cultura na cidade, como relata Migliano (2013).

Em fevereiro, surgiu a vontade de fazer um bloco de carnaval da praia, que começasse nela e seguisse até a prefeitura, onde faríamos a lavagem simbólica das escadarias, para que em mais um protesto manifestássemos nosso descontentamento com as arbitrariedades e privilégios concedidos pelo prefeito. A realização do bloco de carnaval agregou ainda mais movimentos parceiros e produtores da Praia da Estação. As causas que se contextualizam no entorno da praça sendo basicamente movimentos de expulsão dos habitantes costumeiros da área – como as profissionais do sexo do baixo centro, dos movimentos pela igualdade e liberdade de gênero, dos moradores e meninos de rua, dos vendedores ambulantes, pipoqueiros e fotógrafos lambe-lambe, dos artesãos da Praça Sete e dos Artesãos da Feira *Hippie* – passaram a integrar também as reivindicações da praia. Em 2010, o Bloco da Praia da Estação passou a compor o renascimento dos blocos de rua de carnaval de Belo Horizonte. O corpo dos cidadãos, agora fantasiados de foliões e não mais apenas de banhistas, continuou a se insinuar como uma reivindicação pelo uso público da praça no centro (Migliano, 2013: 48)⁷⁰.

Ao longo dos anos, tal como a Praia da Estação, o carnaval foi ganhando força, se destacando no cenário estadual e nacional. Em 2012, a BeloTur - Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte – começou a cadastrar os blocos de carnaval. De acordo com o *site*⁷¹, 24 foram cadastrados em 2012. Calcula-se que 70 blocos, sendo 46 oficialmente cadastrados, tenham saído às ruas em 2013. Nem todos os blocos de rua se cadastraram, como é o caso do Bloco da Praia da Estação, e todos aqueles com o viés político-cultural que foram surgindo ao longo dos anos, como explica Guto Borges, carnavalesco da cidade.

Acontece que um bloco de carnaval é um desenho oposto e refratário justamente a isso. Inclusivo, democrático, horizontal, com os pés no chão, nenhuma voz é mais alta; é um jogo arenístico, como um rito, um circo ou uma ágora. Qualquer um (também o “um qualquer”) pode tocar, cantar, pode dizer a todo um bloco um caminho, pode ser que seja ouvido e todos cantem com ele, pode ser que não; qualquer um pode fantasiar-se do que quiser, e o mais importante: qualquer um deve poder colocar o seu próprio bloco na rua. E é isso que faz a festa crescer, afinal, seu espírito gentil, alegre é oposto ao espírito pobre dos que amam obcecadamente e tão somente o poder e o dinheiro. Dos que pedem permissão, e dos que não as dão (entrevista de Borges, 2014, Anexo A, p. 78).

No ano de 2014, inscreveram-se 132 blocos no *site* da BeloTur e em 2015 foram 177 os inscritos com a estimativa de que 200 blocos percorressem as ruas da capital, número que reflete o crescimento de público.

⁷⁰ (Migliano, 2013: 48).

⁷¹ Informações retiradas do site da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte. Disponível em: belohorizonte.mg.gov.br

Figura 5.7 – Imagem retirada do Jornal Estado de Minas



Fonte: ©em.com.br.

Como mostrado, o último carnaval de Belo Horizonte reuniu vários participantes, entre eles os turistas do interior de Minas Gerais e também de outros estados brasileiros, potencializando a cultura, a criatividade e o turismo na cidade.

Figura 5.8 – Imagem do Carnaval de Belo Horizonte



Fonte: ©Otempo.Com.br.

5.4 Corredor cultural

A Prefeitura de Belo Horizonte oficializou, em junho de 2014, a criação da Zona Cultural Praça da Estação, por meio do Decreto 15.587/2014, publicado no "Diário Oficial do Município" (DOM). A decisão, de acordo com os governantes da cidade, pretende estimular a realização de eventos de pequeno e médio porte, priorizando produtores e artistas locais.

A publicação estabeleceu a criação de um Conselho Consultivo, vinculado à Fundação Municipal de Cultura, órgão que foi nomeado para definir o calendário de atividades, assim como responder pela manutenção, conservação e recuperação de imóveis dentro do perímetro estabelecido, além de sugerir eventuais alterações na área estabelecida como zona cultural.

A ação surgiu a partir do projeto do Corredor Cultural, que previa várias intervenções urbanísticas na área. Apresentado em 2012, o corredor não recebeu verbas do Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas e, por isso, foi readaptado.

Entretanto, produtores culturais, artistas, comerciantes locais, entre outros, reagiram à publicação da prefeitura, argumentando que o corredor cultural, na região proposta, já existia e que o projeto em questão era de caráter higienista, pretendendo transformar a área num circuito elitizado, gerando gentrificação na região, como relatou a arquiteta Natacha Rena, em entrevista ao Jornal O Tempo:

Quando surgiu a ideia do corredor cultural, falava-se em uma mistura entre a Lapa carioca e Puerto Madero (em Buenos Aires), sugerindo mais uma réplica de um modelo urbanístico presente em diversas partes do mundo. Como resposta a essa ideia, houve uma ampla convocação popular, incluindo grupos até então deixados de fora da discussão, como a classe artística da cidade, assim como pequenos comerciantes e os próprios moradores de rua (entrevista de Natacha Rena, ao Jornal O Tempo)⁷².

Então, foi criado o evento “A Ocupação Cultural: O Corredor Cultural Já Existe”. Palestras, debates, *performances*, apresentações musicais, partidas de queimada, pequenas feiras, exposições de poesia, intervenções políticas e sessões de vídeo foram algumas das

⁷²Reportagem Jornal O Tempo disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/o-corredor-cultural-j%C3%A1-existe-1.677784>

ações que foram realizadas no evento. De acordo com Gustavo Bones, em entrevista ao Jornal O Tempo, esses tipos de eventos na cidade colaboram para os agentes culturais levarem o debate político nos espaços públicos

Essa junção entre cultura e política faz mesmo parte de um horizonte que se apresenta à capital mineira. Vejo claramente que muitos agentes culturais estão recuperando essa função histórica da arte, que é levar o debate político à arena da cidade, ocupando, a partir de diferentes estratégias, os vários espaços públicos aos quais devemos ter acesso” (entrevista de Gustavo Bones ao Jornal O Tempo)⁷³.

Foram realizados dois eventos espontâneos no dito Corredor Cultural. O projeto proposto pela Prefeitura não foi concretizado, apesar de continuar nas programações do Poder Executivo da cidade. Entretanto, a sociedade civil organizada – coletivos de caráter horizontal – continua realizando eventos culturais na região com a argumentação de que o local e as manifestações em questão formam resistências construtivas que afirmam o desejo humano de viver o comum, e não o privado, gerando acesso à cultura e desenvolvendo a criatividade coletiva.

Observa-se, então, que os locais de circulação, de encontro e de manifestação impõem-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais e conflitos transforma o espaço em artefato cultural em linguagem urbana.

5.5 Mapeamento cultural de Belo Horizonte

O grupo de pesquisa indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vem desenvolvendo mapeamentos da cultura de Belo Horizonte focados na produção contemporânea do espaço urbano. Trata-se de um estudo sistematizado da distribuição territorial das iniciativas culturais referentes aos setores prioritários da Secretaria da Economia Criativa em Belo Horizonte.

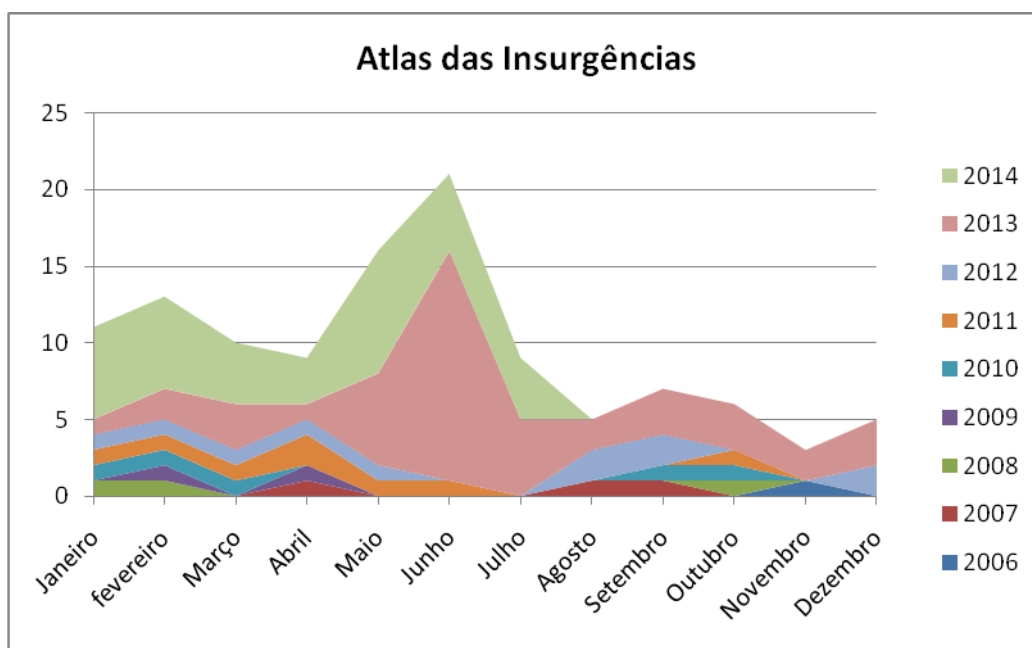
O estudo realizado pelo grupo tem como objetivo cartografar equipamentos e eventos culturais no território da cidade, criando um mapeamento abrangente que contemple o amplo

⁷³Reportagem Jornal O Tempo disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/ocorredor-cultural-j%C3%A1-existe-1.677784>

leque de iniciativas culturais e criativas que incluía, para além dos equipamentos oficiais, práticas auto-organizadas e efêmeras.

Para maior compreensão dos surgimentos e evolução das manifestações culturais de carácter espontâneo nos espaços urbanos de Belo Horizonte, realizamos uma análise quantitativa desses movimentos, através dos dados cedidos pelo grupo. Tendo em vista a complexidade do mapeamento, que passa por variadas concepções culturais – cultivadas/institucionalizadas e populares/espontâneas –, tornou-se necessário determinar um recorte nos movimentos que eram mais interessantes de serem elucidados neste trabalho, denominadas pelo grupo de pesquisa como: Atlas das Insurgências Multitudinárias. No Atlas, foram indicadas as insurgências multitudinárias, de carácter espontâneo - movimentos socioculturais de grande relevância para a cidade -, bem como ocupações, marchas, carnavais e assembleias populares - de 2006 a 2014.

Figura 5.9 – Gráfico desenvolvido a partir do Atlas das Insurgências



Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se observar, no gráfico elaborado e desenvolvido a partir do mapeamento do grupo, que as manifestações vêm crescendo gradualmente na cidade. Destaca-se, em 2013 e 2014, principalmente entre os meses de maio e julho, o surgimento de dezenas de agrupamentos urbanos de carácter político, principalmente devido à Copa das Confederações de Futebol e à Copa do Mundo no país. Entretanto, a maioria dos movimentos ocorridos ao

longo do ano, sem considerar os meses referidos, não diz respeito às manifestações contra os eventos futebolísticos⁷⁴.

Nota-se, também, que diversos movimentos de ocupação urbana começaram a surgir a partir de 2011, um ano após a primeira Praia da Estação, muitos deles sendo realizados no entorno da Praça Rui Barbosa.

É notável o fortalecimento e o crescimento destas. Por meio de um exercício sócio-histórico, devemos compreender os eventos, não como uma simples circunstância, mas como um acontecimento envolto em determinadas características de sua época. Mas não podemos desconsiderar a importância e a singularidade de cada uma nos contextos que surgiram. Essas manifestações de ocupação na cidade assumem-se como espaço para discussão de reformulação dos modos de viver em sociedade, a partir do enriquecimento criativo da experiência urbana.

⁷⁴ Detalhamento das manifestações no Anexo B, p.88.

CONCLUSÃO

A multiplicação dos contextos tem consequências significativas para o modo como pensamos a sociedade contemporânea. A realidade social adquiriu uma fluidez difusa. A atual fluidez dessas oposições se refere a conceitos e problemas com multiculturalidade, da sociedade aberta, da mobilidade social, da possibilidade de fazer valer pontos de vista marginais. A representação de uma realidade é sempre uma representação ligada a um contexto. Podemos sempre exigir que juntamente com a afirmação se comunique o âmbito a que ela se refere e no qual se insere. Quando assim se procede, a contingência torna-se automaticamente visível.

O que se observa é que há nesses movimentos uma mudança do desejo coletivo de transformar a cidade, remodelando os processos de relação civil nos espaços públicos e, conseqüentemente, a urbanização. É notável que exista um desejo coletivo de amenizar a degradação do tecido urbano. A Praia da Estação, junto com outros movimentos pontuados, mostra a força da cultura como instrumento quando ligada à cidadania e à criatividade. Mesmo com tanta diversidade, múltiplas identidades e distantes realidades, é possível falar de uma cultura urbana em larga escala ou de uma condição urbana, encontrando-se na base linguagens e ritos de convivência desenvolvidos num espaço público comum.

É preciso reconhecer que os movimentos socioculturais explicitam o apreço coletivo pelos valores da cidade, que há neles potência criativa e desejo de influir nos destinos do lugar onde se vive. Lefebvre (2012) realça, em seu livro *O Direito à Cidade*, a importância das relações sociais na cidade e suas produções.

A cidade é obra, mais aproximável da obra de arte do que de um simples produto material. Se há produção da cidade e das relações sociais na cidade, tal constitui uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais que uma produção de objetos. A cidade tem uma história: ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam esta obra em condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não bastam para explicar o que nasce delas, nelas e por elas (Lefebvre, 2012: 56).

É inegável a influência de tais manifestações no imaginário simbólico da população, que passa a compreender a possível desconstrução de estruturas opressoras de poder e que se apercebe do seu papel como agente de tais transformações, rompendo com a usual passividade em que se encontravam. Esses exemplos de transformações ambientais

provocadas pelo modo de viver da sociedade contemporânea revelam uma ponderação sobre como o homem se realiza direta e indiretamente em uma relação dialógica com o espaço que ocupa.

Essas ocupações do espaço urbano geram práticas culturalmente significantes e incorporam processos de construção da identidade de todos os participantes da comunidade, ainda que com posicionamentos e vozes diferenciadas no discurso social. São esses posicionamentos e vozes de mútua consideração, efeito, mudança e continuidade que garantem ao fenômeno a construção de significados a partir da incorporação e produção de sentidos. Entre atividades de ocupação, festividades e protestos, esses grupos tentam ressignificar o espaço urbano para torná-lo um lugar de inter-relações.

Essas manifestações, entendidas na esfera das Cidades Criativas, fomentam a cultura, a comunicação e a cooperação⁷⁵, desenvolvendo a capacidade de inovar e criar alternativas existenciais atrativas, na busca da qualidade de vida e do bem-estar humano, de forma comunitária. Florida (2002), em seu livro “A Ascensão da Classe Criativa”, afirma que as classes criativas querem viver em locais onde possam refletir e reforçar a sua identidade como pessoas criativas, não querendo ser atores passivos do local onde habitam. Nessa perspectiva, passando pela compreensão de quadro econômico, social e político, incluindo a historicidades do lugar, pode-se perceber que o encontro da classe criativa nos espaços urbanos funciona como elemento catalisador da identidade cultural de uma comunidade urbana bem como da criatividade e ditames econômicos como o turismo.

A cidade, entendida como local de proeza e experimentação, possibilitará que se perceba a apropriação do espaço público no sentido que expõe Guattari (1992), como propagação de caráter estético e subjetivo, em que a produção estética diz respeito a meios de sensibilidade criadoras e o subjetivo à constante reconstrução de modos de vida. As subversões que representam esses pequenos eventos cotidianos compreendem, portanto, meios de produção coletiva de sentido⁷⁶.

⁷⁵ (Carta, 2007).

⁷⁶ (Guattari, 1992 *apud* Harmann e Fabrício, 2013: 23).

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, Tito Flávio (2012) *Conhecer o arraial de Belo Horizonte para projetar a cidade de Minas: a Planta Topográfica e Cadastral da área destinada à Cidade de Minas e o trabalho da Comissão Construtora da Nova Capital*, XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG), Mariana, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340737616_ARQUIVO_ConhecerOArraialParaProjetarACidade_TitoFlavioAguiar_20120626.pdf.

Bendassolli, Pedro (2009), *Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades*, disponível em: www.spell.org.br/documentos/download/1628.

Carta, Maurizio (2007), *Creative city, dynamics, innovations, action*. Barcelona, Listlab, disponível em: http://www.academia.edu/1639648/Creative_City._Dynamics_Innovations_Actions.

Caves, Richard (2000), *Creative Industries: Contracts between Arts and Commerce*, Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Cerqueira, Yasminie Midlej Silva Faria (2013), *O espaço público e a sociabilidade urbana: a apropriação e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea*, Mestrado Arquitetura Urbanismo UFRN.

Costa, Pedro, Bruno Vasconcelos, Gustavo Sugahara (2011), *Cidades, comunidades e territórios. The urban milieu and the genesis of creativity in cultural activities: An introductory framework for the analysis of urban creative dynamics*, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal, disponível em: <https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/4837/1/22.2%20PC%20et%20al.pdf>.

DePaula J. A., Roberto L. M. Monte-Mór (2004), *Formação histórica: três momentos da história de Belo Horizonte*, Cedeplar UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/projetos-concluidos/projeto-bh-sec-xxi.html>.

DCMS (Department for Culture, Media and Sport) (2001), *Creative industries mapping document*, disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/creative-industries-mapping-documents-2001>.

Florida, Richard (2002), *A ascensão da classe criativa*, London, Routledge.

Gama, Marina Moreira (2012), *Criatividade e desenvolvimento*. BNDS (Banco Nacional do Desenvolvimento), disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro60anos_perspectivas_setoriais/Setorial60anos_VOL2EconomiaCriativa.pdf.

Gomes, Evandro (2008), *Oportunidades de negócios em indústrias criativas: uma visão prospectiva na cidade de Fortaleza*, Universidade Estadual do Ceará, Brasil, disponível em: www.uece.br/cmaad/index.php/arquivos/doc.../61-evandrogomes.

Harmann, Tedesco, Fabrício Viscardi Cardoso (2013), Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito happening, *Diálogo Canoas*, (Online) 23. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/929/900>.

Howkins, John (2001). *The Creative Economy: How people make money from ideas*, Allen Lane: The Penguin Press.

Innerarity, Daniel (2006), *O novo espaço público*, Lisboa, Editorial Teorema.

Landry, Charles (2009). *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*, Earthscan: London.

Jornal O Globo (Minas) sobre a primeira Praia da Estação. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/grupo-transforma-praca-de-bh-em-praia-durante-protesto-3067738.

Lefebvre, Henri (2012), *O Direito à cidade*, Lisboa, MGL.

Lima, Marcela Amorim (2014), *A produção do espaço da Praça da Estação em Belo Horizonte (MG) e dos equipamentos de seu entorno ao longo da história da cidade*. I Simpósio Mineiro de Geografia, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Jean%20C%3%A1ssio%20Lima.pdf>.

Machado, José Pedro (2003), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5. ed., Lisboa, Livros Horizonte.

Mateus, Augusto (2010), *O setor cultural e criativo em Portugal*. Estudo para o Ministério da Cultura. Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, Portugal.

Medina Estevéz, Molina-Pietro (2013), *Ciudades creativas: ¿paradigma económico para el diseño y la planeación urbana?*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. Disponível em: <http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/24379>.

Migliano, Milene (2013), Praia da Estação Como Ação Política, *Redobra* (Online) 11. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/150848641/Revista-Redobra11-Virtual>.

Miranda, André de Sousa (2007), *A gênese da preservação do patrimônio municipal de Belo Horizonte: movimentos sociais e a defesa da Praça da Estação*, realizado no âmbito do Mestrado em Arquitetura, UFMG, 2007 Minas Gerais, Brasil.

Narciso, Carla Alexandra Felipe (2009), *Espaço Público, Ação Política e Práticas de Apropriação Conceito e procedências*, Universidade de Lisboa. Escola de Letras, Departamento de Geografia.

Oliveira, Elialdo (2010), *Cidades Criativas – Perspectiva e Desenvolvimento Econômico para Boa Vista (RR)*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27188/000762263.pdf?sequence=1>.

Oliveira, Igor (2012), *Uma Praia nas alterosas, uma antena parabólica ativista*, realizado no âmbito do Mestrado em Educação, UFMG, 2012, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Perrone, Cláudia Maria, Anelise Schaurich dos Santos, Diana Soldera, Débora Caiaffo Ambros e Gabriela Barbosa de Lima (2012), *Indústria Criativa: A Economia Baseada na Criatividade - 1º Fórum Internacional Ecoinnovar*, Santa Maria/RS, Brasil, disponível em: <http://ecoinovar.com.br/cd/artigos/ECO100.pdf>.

Reis, Ana Carla Fonseca (2008), *Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana. Economia criativa como estratégia de desenvolvimento*, São Paulo: Garimpo de Soluções e Itaú Cultural, Brasil, disponível em: <http://www.gestaocultural.org.br/pdf/Ana-Carla-Fonseca-Cidades-Criativas.pdf>.

Reis, Ana Carla, Piter Kageuama (2011), *Cidades Criativas – Perspectivas*. Garimpo de soluções, disponível em: [://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/LivroCidadesCriativasPerspectivasv1.pdf](http://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/LivroCidadesCriativasPerspectivasv1.pdf).

Szaniecki, Gerardo Silva (2006), Megaeventos, pontos de cultura e novos direitos (culturais) no Rio de Janeiro, *Lugar Comum*, (Online), 31(12).

Tavares, Mirian, Luís Filipe Oliveira e João Pedro Bernardes (coord.) (2011), *A Arte nas indústrias criativas pode a arte salvar o mundo?*, A Cultura em Conferência, Faro, Universidade do Algarve/DRCAlg.

ANEXO A – Transcrição de entrevistas

Matheus Rocha – Produtor cultural – Entrevista via Skype, Junho de 2014

Eu – Pesquiso se a Praia da estação se a partir da praia da estação, o que aconteceu dentro da cena política cultural da cidade, entendeu? Sociopolíticocultural. Aí eu peguei a galera que está à frente dos movimentos e estou querendo entrevistar.

Matheus – Legal. Eu acho que o carnaval é mais do que a Praia da Estação nesse sentido. Porque na verdade uma coisa puxou a outra eu acho.

Eu – Qual que puxou qual?

Matheus – Acho que os dois se puxaram. Mas é porque o carnaval, esse renascimento do carnaval que tem tudo a ver com que você falou aí, né? De algumas pessoas que começam uma onda... assim... 10 pessoas saem na rua batucando. E no outro ano já tem 200, no outro ano tem 500, e ano passado já foram... sei lá... um milhão, segundo a prefeitura. Vou te mostrar um videozinho aqui.

Eu – vou te fazer umas perguntinhas antes. O que é a Praia da Estação?

Matheus – a Praia da Estação é um movimento político lúdico que contestou o decreto do prefeito que proibiu manifestações de qualquer natureza numa praça, numa praça pública da cidade.

Eu – esse movimento tem manifestações culturais?

Matheus – com certeza, né?

Eu – quais tipos de manifestação?

Matheus – ensaios para o carnaval, grupos que tocam, artistas que fazem sua arte lá... *performances*, assim... tem de tudo né?

Eu – Qual é a importância da praia para a cidade?

Matheus – da praia? Acho que com a praia, acho que nasceu ou ressurgiu, não sei se nasceu, toda essa coisa de ocupar o espaço urbano. Da gente pegar uma praça e e lá tomar sol. Assim, dá um novo significado para os lugares.

Eu – Quem que frequenta a praia? A praia e a praça? Tem uma diferenciação de quem são os frequentadores da praia e da praça?

Matheus – o que eu acho é que assim... com certeza foi abrangendo mais gente, né? Mas certamente tem uma diferença entre a galera que passa pela praça e só passa e o pessoal que vai lá e toma uma cerveja, toma sol, toca, nada na fonte. Que aí realmente sempre foi uma coisa mais classe média.

Eu – E dentro dessa classe média tem uma diversidade de estilo de vida das pessoas que frequentam a praia?

Matheus – Eu acho que sim. Eu não sou um grande [...] mas parece que sim. Uma grande diversidade assim... tem uma diversidade, né? Mas não sei a abrangência disso, mas com certeza ela passa por gente que talvez não se encontraria, como a praia é mesmo.

Eu – Mas as pessoas que frequentam... qual são os estilos de vida? São pessoas da arte? São pessoas de áreas específicas?

Matheus – A maioria sim, né? São ligadas de alguma forma com o fazer artístico da cidade. A maioria sim, mas com certeza abrangeu advogados e sei lá... gente de outras áreas, arquitetos como você.

Eu – Depois da praia surgiu algum tipo de movimento ou fortaleceu outros movimentos artístico-culturais na cidade? A partir da praia?

Matheus – Eu acho que ela fez explodir o carnaval. Porque o carnaval tinha nascido, renascido... em 2009, eu estava lá. Tiveram dois blocos que foi o Tico-Tico e o Peixoto, em 2009, que foram os primeiros blocos. Claro que já tinha algum carnaval mais de gueto e tal, mais da galera da resistência que era do carnaval mesmo. Mas a partir desse de 2009 que tiveram esses dois blocos e com a praia acho que tudo explodiu, saca? A praia foi a catalisadora disso.

Eu – Então você vê a praia mais com o carnaval?

Matheus – Não, eu vejo a praia mais como esse encontro. A praia tem várias coisas. Muita gente se juntou. O Estrela você pode dizer que é um filho da praia, mesmo a gente da casinha de fazer coisa na rua, o pessoal do sensacional... eu não sei ao certo as datas, mas tudo coincide nessa época.

Eu – Então você acredita que o encontro das pessoas na praia que disseminou e começou a fortalecer o Estrela, a sensacional e outros movimentos?

Matheus – Eu acho que... com certeza tem alguma ligação, mas não sei te dizer o quanto foi... se as outras coisas aconteceriam ou não. Eu acho que que sim, tem uma... foi uma politização. Foi a primeira vez que a galera, pelo menos, muita gente que eu vejo que ligou a cultura a política. Porque assim... era um decreto, era uma coisa política que impedia as pessoas de fazerem manifestações culturais. Então política e cultura estavam ligados nesse ato do prefeito. Então acho que foi a primeira vez de fazer política com... de uma forma... usando uma forma lúdica. Juntando a cultura.

Eu – Você acha que os governantes da cidade tem negligenciado os jovens?

Matheus – Com certeza. Você vê o duelo de Mcs, por exemplo, agora. Que é uma puta... uma puta manifestação foda de cultura e... que os caras agora estavam querendo meio que boicotar. Cobrando taxas. Ao invés de valorizar, dar uma estrutura para os caras e falar “o que vocês fazem é muito importante para a cidade, que legal!” É um movimento reconhecido no Brasil inteiro dentro dessa área de *hip hop*. E os governantes daqui não valorizam, né? Esse é só um exemplo dentro de vários. Igual o Graveola quando foi fazer lá no Dandara o *show*, tentaram impedir que rolasse. Muitas coisas que provam isso. Essas coisas de cercamento, das praças privatizadas, de uma burocracia imensa para você fazer qualquer coisa na rua. Então com certeza eles não facilitam a vida das pessoas que querem fomentar a cultura da cidade.

Eu – Qual a importância que você acha da ocupação desses espaços urbanos para a cidade?

Matheus – Acho que é imensa a importância. É gente nova com essa noção de pertencimento da cidade, de... as trocas que acontecem, as pessoas que se conhecem, que fazem coisas novas e que movimentam toda a cultura da cidade. Essa coisa do encontro, acho que a praia o grande lance foi esse, dos encontros de ter um lugar ali para encontrar e trocar ideia e propor coisas novas.

Eu – E você acha que esse encontro gerou algum tipo de identidade cultural?

Matheus – Sim, acho que sim. Você fala da praia?

Eu – Sim, os encontros da praia ou os que explodiram depois da praia, como o carnaval e etc.

Matheus – Eu acho que sim. Dentro de uma cena assim... eles conseguiram fazer com que uma cena tivesse um *boom* ali. Por mais que hoje em dia não saiu muito, não massificou... não foi uma coisa que foi para toda a cidade. Mas uma grande parte de jovens do cinema, do teatro... isso cria uma identidade. É uma cena que se fortaleceu a partir da praia, né?

Eu – E... o carnaval? Qual a importância? Você falou que não surgiu na cidade inteira. Tem um recorte geográfico?

Matheus – O que explodiu foi o carnaval na verdade.

Eu – Tem um recorte geográfico? Um zoneamento da cidade? Que você enxerga isso, já que não é na cidade inteira?

Matheus – Eu vejo que o carnaval sim, chegou na cidade inteira. Mas essa coisa da praia e da cena principalmente musical ficou muito restrita à zona sul, zona leste no máximo. Santa Teresa... Santa Teresa é um bairro que tem muita gente, muito artista, muita gente ligada a essa coisa.

Eu – A música que exerce um papel de criação de identidade, você acha que a partir desses encontros a cena musical de Belo Horizonte mudou?

Matheus – Acho que se fortaleceu. As pessoas passaram a se conhecer. A trocar mais.

Eu – Surgiram bandas?

Matheus – Surgiram bandas. Não sei te dizer se surgiram... com certeza surgiram, né? Você vê hoje Van Dom Pepo que tocou na casinha, de certa forma é fruto dessa coisa que rolou. Dessa cena. Não sei se surgiram, eu não tenho... deve ter surgido. Mas as que já tinham se fortalecido com isso, né? Você vê o próprio Graveola que... o Babulina's *trip*, o *clip* que bombou que a música fala da praia, o *clip* tem altas imagens da praia. Então é um símbolo forte. A grande coisa popular mesmo era o carnaval. Você vê que o carnaval virou o carnaval... ressurgiu.

Eu – Quantas pessoas foram no carnaval esse ano? Tem uma média?

Matheus – A Belotur falou 1 milhão, mas deve ter tido umas 500 mil. E assim a praia foi o catalisador. Esse carnaval foi em 2009, a praia foi em 2010, né? Janeiro de 2010. Um ano antes tinha rolado esse carnaval que eu te mandei o vídeo. E depois em 2010 foi já... já surgiram mais os blocos. Aí teve o bloco da praia que deve ter surgido aí. O do tchá-tchá... então assim foi um catalisador do carnaval. Que sempre foi um carnaval bem político. Tudo a ver com a praia. Por causa da praia, eu acho.

Eu – Você acha que o discurso político do carnaval de Belo Horizonte, é por causa da praia?

Matheus – Com certeza.

Eu – Então eu acho que é isso... basicamente. Vou parar a gravação.

Janaina Macruz – Produtora cultural – Entrevista via Skype, Junho 2014

Eu – O que é a Praia da Estação?

Janaina – O que é a praia da estação? É um movimento que começou da sociedade civil, contra um decreto do prefeito Márcio Lacerda, que aconteceu dia 31 de dezembro de 2009, proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. E em janeiro rolou uma reunião, em dezembro mesmo, chamado camisa branca, e foram poucas pessoas. Pessoas ligadas a movimentos sociais, mais. Tinham algumas pessoas ligadas à cultura, igual o Rafael Barros, que é um dos grandes mobilizadores dessa cidade atualmente. E o Rafa espalhou bastante. Foi uma das pessoas que espalhou bastante essa notícia para o pessoal da cultura. Nessa reunião foi definida uma ação lúdica, que seria transformar a praça em praia.

Seria uma forma de protesto. E que já aconteceu esse tipo de protesto em outros lugares, né? Eu não lembro agora especificamente onde, mas em Paris teve o Paris *La plage* que a galera fez lá esse mesmo movimento e tal. Então não é tão inovador, mas eu acho que pelo menos aqui em BH mexeu muito com todo mundo. E para mim ultrapassa isso, né? Porque isso aí é o que... como que aconteceu... assim... mas a primeira praia já tinha muita gente e ultrapassa o lance do protesto em si, porque é uma vivência da cidade e as pessoas primeiro que começam a descobrir uma praça que sempre estava lá e que já era utilizada para a cultura. Ela foi reformada para ser um palco, um lugar de grande evento na cidade que Belo Horizonte não tem. Então ela foi reformada exatamente com as fontes que vão... elas não são fixas, elas se escondem no chão e tal, com os holofotes e tal, então seria um lugar de grandes eventos na cidade. E aí de repente o prefeito, por questões de limpeza, de danificação da praça, ao invés de tentar cercear isso e construir junto com a população e com os eventos, de melhorar esse tipo de ação, ele simplesmente proíbe eventos de qualquer natureza. E aí depois disso acontece uma coisa maravilhosa que, para mim, 2010 é um marco na cidade de Belo Horizonte. Que com a praia, fez com que as pessoas que estavam fazendo coisas na cidade engajadas tanto em movimentos políticos e sociais quanto artisticamente, elas se encontram e se conhecem. Então eu falo assim... mesmo na área da cultura. A gente, a galera da música, a galera do teatro se conhece um ao outro. De repente se formou uma rede na cidade. E aí um foi conhecendo o trabalho do outro de levar coisa para a rua, e essa vontade de estar na rua também, se apropriar da cidade... e aí ficou uma grande rede. E para mim isso fica muito claro, por exemplo na relação que a cultura tem hoje em dia muito forte com as brigadas populares, né? E a cultura esteve muito próxima do Dandara, quando rolou a ameaça de desocupação. Nós fizemos vários eventos e *shows* lá, muito grandes e foi muita gente para lá. No fim do mundo. Uma galera que frequenta centro-sul, zona leste, foi parar lá no Dandara. Então para mim a grande importância da praia foi exatamente esse encontro das pessoas na cidade e de ocupação mesmo. E falar: “esse espaço também é nosso” que é uma coisa que o sistema impõe muito, né? Você sempre estar em um lugar privado. Então mesmo quando você vai para o lazer, e tal, você sai da sua casa que é um lugar privado e vai para um cinema ou vai para um teatro e os espaços públicos são só vitrine, só passagem. Então é a passagem do espaço privado para outro espaço privado. E o que a gente entende é que é ao contrário, né? Que os espaços públicos sejam utilizados e vivenciados pela gente e por todo mundo. Apropriado mesmo, pela própria cidade.

Eu – quem são os frequentadores da praia?

Janaina – Então... é uma coisa interessante, que inclusive rolou uma discussão forte dentro do movimento, depois de um tempo que estava acontecendo, que começaram a ir pessoas que não necessariamente estavam ligadas ao movimento ou ao que era a praia da estação. Estavam lá simplesmente por achar legal esse movimento de estar numa praça enquanto praia. Então o pessoal ia realmente de sunga, biquíni, às vezes totalmente sem entender o processo. Pessoas que não eram politizadas. E aí tinha essa grande discussão: “poxa, a gente tem que politizar mais a galera, e tal”, rolava radicalismo tinha hora: “essas pessoas nem sabem o que estão fazendo aqui, e tal.” Mas eu acho muito interessante porque mesmo essas pessoas que não tinham noção política do que era o movimento chegam lá, gostam, acham muito legal, descobrem a ocupação de uma praça. Se dá o direito de estar numa praça curtindo. E quando chega em casa, o namorado ou a mãe, a vó... não sei o que: “onde você estava? – eu estava na Praia da Estação – mas o que é a Praia da Estação? “Então pelo menos, rasamente as pessoas vão ter que explicar o que que era. Então no mínimo ela falaria: “Ah não! O prefeito proibiu de usar a praça e o pessoal está lá manifestando. Então isso já é legal, assim. Já cria alguma coisa para a pessoa já ter uma reflexão mínima sobre isso. Então eu acho que o lado lúdico chama mais pessoas. Fazem ela ter consciência, sem ter a noção do tema central mesmo. Que é diferente de quando você faz uma marcha, né? Você está lá marchando, e indo, e as pessoas que se aderem à marcha são pessoas que também estão corroborando com a causa.

Eu – E você acha que a partir da Praia da Estação surgiu ou fortaleceu outros movimentos? Ah... com certeza! Eu tenho certeza absoluta! A gente já fez até essa pesquisa, agora não sei de cor... mas assim... foi 2010. O nosso querido prefeito decidiu cancelar o FIT e a presidente da fundação declarou que não existia espetáculo de qualidade para o FIT acontecer. Ela deu essa gafe na imprensa. E por causa disso, a rede estava forte, e a luta pela cidade estava muito forte também. Então nós fomos à rua também com movimento lúdico, a imprensa não teve como fugir disso e deu essa manifestação, e com isso a gente conseguiu voltar o FIT. Outro fato que aconteceu... o pessoal do nova cena, pós-praia também. Eu acho que o movimento aconteceu pós-praia ou antes esse fortaleceu pós-praia. Fez um estudo da lei de incentivo e apresentou vários dados. Então tipo assim... tinha sido realocado para a lei (eu estou chutando os valores) 1 milhão de reais. E a fundação soltou no edital apenas 700 mil reais. Então foi uma luta nossa, nós fizemos também, procuramos imprensa foi um movimento e tal, a prefeitura voltou atrás e aumentou o valor da lei municipal. Então foi um apoderamento nosso de querer buscar nossos direitos e de entender que a gente também tem

força. Que não é só reclamando no *facebook* e tal, ficar nessa indignação. A gente realmente... se colocar pressão, ir pra cima, a gente consegue mudanças. Lógico que não do jeito que a gente queria, mas a gente consegue colocar pressão e fazer mudanças reais. E aí vem vários outros. O carnaval, por exemplo, né? A galera gosta de falar que a origem desse renascimento do carnaval foi em 2009, porque tiveram dois blocos, e realmente teve essa ida a esses dois blocos em 2009. Mas para mim, rolou a praia, rolou um tanto de gente que ia ficar na cidade por falta de grana ou não sei o que e fez o carnaval, né? E um dos blocos principais desse carnaval de 2010 foi o bloco da Praia da Estação, que foi maravilhoso, inclusive. E o carnaval, inclusive, em Belo Horizonte, surge como protesto mesmo. O mesmo protesto que se tem na praia é o carnaval. Que é a ocupação da cidade, você pode ver nas letras das marchinhas todas, e tal. E é ir para a rua, a cidade é nossa, ocupe a cidade. E a gente consegue fazer acontecer. A gente sentiu isso. Não que a gente não tivesse fazendo antes, mas, por exemplo, eu, na época, na minha experiência, a gente já estava fazendo essa coisa de ocupação da cidade na música, mais ou menos desde 2007. Mas com uma articulação da música. Então nós começamos a fazer festivais na rua, de música. Mas a gente não conhecia o resto, né? Acho que o teatro também tinha esse movimento. E os movimentos sociais também tinham. Mas quando conecta tudo isso, vira uma potência impressionante. E aí vem o Tarifa Zero, que é um dos movimentos maravilhosos que acontece nessa cidade. E tá aí... o Ministério Público cassando o Marcio Lacerda, lógico que não vai dar em nada, mas é no mínimo uma pedra no sapato para ele. E eu me lembro de uma cena curiosa que aconteceu, o pai de uma amiga minha que é empresário, também participante da praia, já era em 2011, eu acho, e conhece o Marcio Lacerda e tal. E tava com um problema no mirante, naquele do Mangabeiras. Eles estavam conversando sobre isso e o pai da minha amiga falou assim: “por que você não fecha o mirante temporariamente para resolver a situação?” porque estava rolando muito tráfico de drogas e tal. E aí o Marcio Lacerda falou: “não vou fechar nada porque tem uma galera aí da Praia da Estação que qualquer coisa vai encher o saco”. Então algum medo de repercussão na mídia a gente tem.

Eu – e você enxerga dentro desses movimentos que você falou, musicais e talvez também de teatro, esses movimentos aconteceram e acontecem dentro do espaço urbano?

Janaina – Com certeza.

Eu – E tem algum recorte geográfico que acontece mais?

Janaina – Então, hoje em dia te digo que, pelo menos assim, você fala da sua vivência do seu núcleo, da sua rede. Normalmente a cidade inteira pipoca coisas que geralmente eu desconheço, ne? Mas essa rede que eu estou inserida é bem centro-leste.

Eu – Esses movimentos que você participava, musicais, depois da praia eles também se fortaleceram?

Janaina – Se fortaleceram. Nossa! Em 2010 a gente estava superforte. Tinha uma rede que era um coletivo de bandas que chamava *Outro Rock*. Ele surgiu, se não me engano, em 2008. Fez festival 2008, 2009. E aí em 2010 com a praia, a gente aproveitou uma feira nacional de música, feira nacional música Brasil, nos organizamos e fizemos um festival paralelo à feira e nós conseguimos fazer uma matéria legal e com um discurso legal lá na feira que a gente conseguiu levar vários curadores para irem para o Bordelo, que inclusive era uma casa referência, desses movimentos todos, era um ponto de encontro na cidade. E que foi cassado pelo Marcio Lacerda. Ainda existe, mas ele virou um bar. Porque a perseguição foi tanta, que não teve como. Recebeu multas e etc. etc. e hoje em dia é um bar.

Eu – Mas ele continua sendo um ponto de encontro?

Janaina – É um ponto de encontro, lógico, até porque está debaixo do viaduto Santa Tereza, que lá realmente é o ponto público de encontro. É onde acontece a maioria de reuniões de todos os movimentos. Então você vai lá... é família de rua, o carnaval várias vezes a gente encontrava lá, reunião da praia, reunião de tudo a gente marcava debaixo do viaduto. Agora está fechado, ne? Por causa da obra, inclusive há um tempo atrás rolou o ocupa do viaduto. Ficou uma semana lá. E ainda está nessa briga. Está embargada a obra, pelo que parece... não sem assim. E até isso eles estão querendo tirar da gente, né? Porque o novo projeto arquitetônico, a Nova BH, não sei se você conhece, está querendo transformar essa zona leste aqui toda num grande projeto de *business*, prédios de empresas. Eles estão querendo construir ali na Vila Dias, que é na Andradas, o maior prédio da América Latina, que vai ter 300 andares, essas coisas absurdas, 120 andares...sei lá! E a Praça da Estação é o que eles chamam de corredor cultural. Que seria do Palácio das Artes até o 104. Assim.. eles tão querendo... tem uns estacionamentos ali que já viraram hotéis. É a mesma onda do porto Madeira lá no rio, né? Gentrificação, limpar, ficar bonitinho e virar um ponto turístico. E o que a gente defende é que ali já é um corredor cultural. É um corredor cultural por si só. Porque a sociedade civil se apropriou dali. Por ser um lugar mais central, porque a praça é um lugar grande e amplo e dá para fazer eventos. O viaduto já tinha uma estrutura de palco e arquibancada, sabe? Então já era. Não precisa desse processo para transformar esse lugar

num corredor cultural. Tem que conversar com os atores que já estão ali envolvidos, né? Para fazer melhorias.

Eu – E esses atores que estão envolvidos, você enxerga estilos de vida... uma diversidade de estilos de vida dos atores desses movimentos?

Janaina – Demais! Inclusive rolou uma incitação que assim... que acontece muito nesses lances horizontais, que agora está cada vez mais horizontal, participativo e tal, apesar de ser um processo muito mais demorado e cansativo, mas mais orgânico... na última ocupação do viaduto, o tema era a reforma do viaduto que não foi avisada para a sociedade civil. Começou sem ser avisada, de uma forma que não foi clara, transparente e tal, então ocupou. Ficou todo mundo uma semana lá e rolou uma briga de porrada entre feministas e *punks*. De tamanha que é a diversidade. Que chega gente de tudo quanto é jeito, porque os movimentos estão cada vez mais com esse discurso horizontal e aberto, então vai chegando gente de tudo quanto é jeito mesmo.

Eu – E qual a importância que você vê nessa diversidade?

Janaina – Eu acho muito legal! É muito legal porque amplifica e amplia a visão de todo mundo. Você começa a pensar assim: “ah eu acho as feministas muito radicais”, mas quando você vai convivendo com elas você “aqui elas tem razão. Esse ponto aqui eu não tinha enxergado”.

Eu – Você acha que isso gera uma identidade cultural?

Janaina – Uma identidade cultural?

Eu – É. Para a cidade como um todo?

Janaina – É uma identidade plural, né? Que eu acho difícil de definir. Mas bem plural. É muito difícil. Agora eu estou um pouco ausente porque eu estou meio ocupada nesse ano aqui, mas eu faço parte do grupo que invadiu e pensou a invasão do Luiz Estrela. Não sei se você já ouviu falar. Já, né?

Eu – Já.

Janaina – E lá é completamente isso. Estamos fazendo um espaço horizontal, autogestionado e aberto. Então é muito difícil. E é muito legal o processo. Porque vem cada um com um entendimento. Um cara completamente anarquista e contra regras e outro já é advogado dos movimentos sociais, brigadas populares e já entende a importância burocrática de negociação com o estado e que a gente precisa de um estatuto. E o outro acha que não, que não tem que ter regras. Que cada problema a gente tem que conversar em reunião. Então

é legal. Até as coisas que você acredita, você começa a argumentar elas para convencer o outro, é um processo de autoaprendizado também.

Eu – Esses outros movimentos como o Luis Estrela, o Fica Fícus... você acredita que eles surgiram por causa desses encontros que foram promovidos a partir da praia? Ou não?

Janaina – eu acho que sim. Mas só que é querer dar uma origem simplória. É o que eu falei, eu acho que 2010 é um marco para a cidade de Belo Horizonte. E por causa da praia que rolou esses encontros. Mas assim... falar que é isso? Será que se não tivesse rolado a praia não rolaria esses movimentos? Acho que sim. E é um movimento global também se você for pensar. A primavera árabe e todos esses movimentos que foram importantes. *Occupy street* e, por exemplo, antes da praia em si esse movimento da música... por causa também do governo Lula de incentivar a cultura. Por causa também da articulação do fora do eixo que fez uma rede nacional. Por causa também dos músicos que queriam potencializar essa rede própria entre os músicos. Aconteceram milhares de festivais no Brasil, sabe? Eu viajei o Brasil inteiro com uma banda que eu trabalhava através dessas redes. E antes era assim: ou você era uma banda famosa ou não era. Ou você era de gravadora ou não era. E de repente começou aquele mercado alternativo. Isso eu estou falando a parte da música. E que nos Estados Unidos já existe há muito tempo. Que é um mercado médio para a música, então a banda vai ter 500 pessoas, que conhece a banda e querem um *show* da banda. Não precisa ter 100 mil pessoas para ter um *show*, entendeu? Então existe esse mercado médio. E isso foi uma onda no Brasil, até antes da praia. Agora, puxando sardinha para o nosso lado, é uma análise que eu faço. Nem sei se é isso ou não. Eu acho que em BH nós somos muitos da troca, do receber bem e tal, ser legal, querer ajudar, é uma cultura nossa. Então eu acho que de certa forma isso inspirou muito os movimentos em São Paulo, por exemplo. O carnaval de lá... essa retomada dos bloquinhos de carnaval veio após o nosso. Quando a gente fez o primeiro evento da Praia da Estação, eram mil pessoas, e pessoas de São Paulo estavam lá. Logo depois, inventaram o Existe Amor em SP, que juntou milhões de pessoas. Só que como eles têm poder aquisitivo e uma rede maior, eles colocaram o Criolo, Tulipa Ruiz. Então tinha 10 mil pessoas no evento deles. Eu lembro que em 2011 a gente fez vários *shows* em São Paulo e ficamos uma semana casa fora do eixo. Nos éramos 22 pessoas, de bandas e da TV queijo elétrico daqui de BH. E eles ficaram lá zoando a gente o tempo inteiro, né? “ah não... porque vocês são amor, né? Porque tudo para vocês é amor. O Amor de Belo Horizonte” . Porque tudo que a gente argumentava era mais carinhoso e eles mais secos, preto no branco. E a gente falava “vocês não estão entendendo, a questão não é essa e tal”. E

aí eles foram assimilando isso e depois eles sacaram. É meio paia falar, mas até o capitalismo já comprou que o amor é bonitinho. É consenso, então, vamos usar isso para fazer propaganda, para vender produtos, para tudo, né?

Guto Borges - músico, historiador e carnavalesco - Entrevista via Skype, Julho 2014

Guto – Na minha opinião, até já participei de uma mesa sobre isso, são duas histórias independentes. A praia e o carnaval. Elas não são histórias... elas se encontram, mas são histórias paralelas que têm um ponto de conexão, mas por incrível que pareça, elas são histórias de origens e de impulsos, de naturezas... de origens diferentes. Elas podem ter sido impulsionadas pela mesma situação de cidade, o mesmo sentimento, por um grupo relativamente próximo, de formação relativamente próxima. Digo isso porque eu estava nos dois. Digo isso de ter participado dos dois, de estar tanto no início da praia... tem até uma divergência sobre o início mesmo. Se é no ano anterior, que envolve a questão dos grupos anarquistas que estavam envolvidos na primeira discussão que se fez na praça. Mas eu digo, no primeiro dia da praia eu estava lá. E também estava no primeiro dia, no primeiro bloco que saiu em 2009, que é o Titico. O que acontece é que no final das contas o carnaval é puxado por um grupo e a praia por outro. Inclusive por questões um pouco diferentes. Falando um pouco do carnaval, que eu acho que é mais por onde eu posso falar, até por hoje estar sendo consultado por isso, as pessoas têm me buscado, me procurado um pouco sobre esse assunto. Esse primeiro bloco em 2009 obviamente não tinha a pretensão de fazer o barulho que faz hoje. Mas tinha ali já uma... mas também não era totalmente inocente em relação a isso. Ele surge em 2009, já é um ano que a gente tinha passado aí por um processo de uma espécie de xeque-mate político, né? Que Belo Horizonte passou com a eleição do Lacerda que foi uma espécie de jogo político que não colocou opção pra cidade. Foi uma jogada de gabinete que submeteu a cidade em um processo... que não necessariamente... foi uma jogada mesmo. E eu acho que muita gente sentiu isso, eu tenho essa sensação até hoje muito forte do rancor, uma espécie de frustração mesmo com a eleição de 2008. Eu sou de uma geração e eu acho que isso fez um corte interessante também, o corte geracional. Tem várias questões aí. Questões de transformações, esses formatos, essas pessoas que puxaram essas coisas. E um deles é geracional. É uma turma que quem estava à frente desse primeiro impulso, foi uma turma que cresceu em Belo Horizonte nos anos 90. Você é daqui?

Eu – Sim, sou.

Guto – de alguma forma você viveu essa Belo Horizonte dos anos 90, né? Por exemplo, eu participei agora, fiz questão (foi uma bagunça na minha vida) do Generik Vapeu. Que teve um espetáculo deles aqui agora. É um grupo francês que esteve presente em dois FITs, em 94 e 97, e fizeram espetáculos de ruas muito marcantes. Muito marcante dessa cultura de rua que existiu, que foi de alguma forma importante nos anos 90. Se alimentou isso de uma forma criativa. Incendiou um pouco essa questão aqui na cidade de Belo Horizonte. Estou entrando nas questões históricas disso tudo, inclusive de um projeto de cidade e de como essa cidade foi sendo administrada, quando a gente tem um projeto interessante nos anos 90 que ele vai se defasando ao ponto da gente chegar em 2009, que era o cúmulo do absurdo do que estava acontecendo e que eu estou falando isso um pouco para dizer isso... assim... EU acho que existiu uma sensação de perda, de falta. Acho que as pessoas se sentiam naquele momento em 2009, que algo se perdia, de que algo estava de fato em defasagem nessa questão de uma cultura. Acho talvez que quando a gente fala de cultura é um pouco mais do que isso, né? É uma espécie de imagem de cidade, né? Uma sensação de cidade algo que estava se perdendo mesmo. Indo embora. No meu texto vai falar um pouco disso. Desses projetos de verticalização, de investimento, de um projeto político mesmo que a cidade passava, por um esvaziamento, assim vamos chamar, das vias públicas passava por isso tudo, passa, né? Usar o passado aqui seria inocente. Passa por tudo isso não é uma mera ocasião, não é uma mera coincidência do mercado. São projetos de cidade. É isso um pouco que a gente tinha em comum, que a gente começou a sentir que existia um projeto muito nefasto em curso. Também te digo não nessa clareza toda, né? Que a gente tinha essa clareza toda. Mas existia um sentimento muito forte de retomar isso. E o Tico-Tico, quando a gente saiu em 2009, era o Tico-Tico e o Peixoto foram os dois primeiros que saíram. Mas é engraçado que o pessoal do Tico-Tico descobriu que o Peixoto ia sair também em 2009. A gente descobriu por Internet, tinha um *blog* e tal.

Eu – Eram grupos paralelos também?

Guto – Sim, eram paralelos. Olha que curioso! Aí a gente começou a conversar com eles pelo *blog*. “E aí, vamos tentar sair juntos e tal?” Não tinha ninguém, NE, cara? Não tinha banda direito. Era uma bagunça! A gente nem sabia se ia rolar direito. Tava meio arriscando para ver o que que dava. Não tinha autorização, não tinha nada! Nem era uma questão isso na época. E aí eu estava conversando com eles e a gente descobre no meio do caminho que éramos amigos. Eram pessoas superpróximas e a gente conversando na maior formalidade pela Internet. Não sabia quem eram as pessoas, e aí a gente descobriu que era o Ian e a Elisa.

Inclusive estão no interior da França estudando também. São superimportantes nessa história também. Eu quase morri de rir na época, porque eu já tinha passado uns carnavais com o Ian, inclusive, no Rio. Então de alguma forma acaba que esses laços especialmente em uma cidade como Belo Horizonte, que não é tão grande como uma São Paulo, por exemplo. Parece até um pouco com Lisboa nesse sentido. Esses laços e coincidências são mais comuns, né? Aí foi uma coincidência ter reencontrado o Ian nessa história de carnaval. A gente nunca planejou isso, nunca conversou sobre isso. E de repente a gente estava nesse furacão juntos. E aí o que eu quero te dizer sobre 2009 é que quando a gente saiu à rua, a gente percebeu também essa sensação de cidade, uma sensação de comunidade mais até do que cidade... foi que à medida que a gente saía na rua, essa sensação não era só nossa, também. Eu acho que isso é um sentido forte de comunidade, essa sensação de que a cidade vivia uma defasagem, a gente foi vendo que o que a gente tava fazendo tinha reverberação. Imediatamente a gente percebeu isso. O que foi totalmente desprovido, tinha aí o intuito de sair na rua, de fazer algo na rua, mas não tinha o intuito de virar mesmo do jeito que foi virado. Mas imediatamente a gente percebeu a força do que estava acontecendo, de uma potência, mais do que uma força, um potencial daquilo. Porque as pessoas chegavam nas janelas, as pessoas cantavam, vinham atrás. Existia um apoio, existia uma alegria muito grande em torno do que a gente estava fazendo. Principalmente das pessoas mais velhas, faziam questão. A gente tava cantando marchinha nessa ocasião. E as pessoas faziam questão de ir à janela, cantar... e isso foi uma espécie de crescente da energia desse dia do bloco e tal. Que foi virando uma coisa assim.. todo mundo foi vendo que era muito importante. Importante não no futuro, o importante no agora, no que estava acontecendo ali no momento. Ninguém tinha previsão do futuro, e nem plano. Aquilo não era um plano. E o que aconteceu foi que no Peixoto foi a mesma coisa. Choveu quase que a gente não sai. O Ian me ligou e falou assim: “você não vem não?” Eu falei: “eu vou, cara, vai ter mesmo?” “E aí fizemos também o Peixoto, que também foi um barato, foi massa. E aí começou a rolar esse boato. Engraçado como que às vezes algo que está presente nessa espécie de vida social, ainda que submersa, ainda que recalcada ou proibida ou oprimida, vamos chamar assim. Isso quando existe uma fagulha, essa coisa que espalha de uma forma muito rápida. Que é um dos grandes comentários sobre Belo Horizonte: muito rápido! Isso não é só um grupo, etc. isso é toda uma comunidade que deseja, todo um grupo que deseja isso. Com suas nuances. Não é que todo mundo deseja a mesma coisa. Todo mundo tem um desejo comum e eu acho que isso também... o grupo, esse primeiro grupo que de alguma forma fez a fagulha, soube

respeitar bem, e eu acho que respeita até hoje, essa pluralidade dos desejos. Como que isso se multiplicou. Não estava sobre o controle de ninguém, nem desse grupo. Foi tentado imputar isso a um grupo, a uma galera. Essa galera fez questão de abrir mão disso. Com muita discussão, com muita conversa, do protagonismo, uma espécie de exclusividade daquilo. Belo Horizonte vive isso. Acaba que às vezes as iniciativas são rapidamente imputadas a um grupo, a uma propriedade de grupinho e etc. e com o tempo isso se esvazia. E nesse caso não foi bem isso. Isso foi sendo multiplicado, foi sendo adaptado. Foi uma sacada. As pessoas foram vendo que esse formato está muito aberto.

Eu – Você vê um porque houve essa mudança de mentalidade? Dessa questão da posse?

Guto – Da posse das ideias, né? Eu acho que existe uma discussão importante que ela foi feita e ela é feita com o poder público todo ano é sobre a indústria cultural. Não existia no código de posturas de Belo Horizonte, algo como um bloco de carnaval previsto na lei. Olha que coisa sintomática. Existia evento. O poder público não conseguia conceber. Evento no caso é uma iniciativa privada, com fins lucrativos, com estrutura, com patrocínio, uma série de previsões que imputam um evento. E o que acontecia era que o bloco não era um evento. Inclusive tinha que ter alvará que não sei o que... tinha que ter não sei o que... mil legalidades, mil questões dentro da lei não diziam a respeito. Porque a gente não era um evento. A gente era uma manifestação espontânea, popular. A gente é, né? Não vamos dizer no passado, mas assim... o primeiro debate era esse “olha, a gente não é um evento.” Eu acho que isso marcou muito claramente essa divisão como você está falando aí. “Olha, a gente não tem alguém, um investidor, a gente é a vida social se manifestando, falando, falando o que ela quer”. De uma forma mais simples, inclusive, mais objetiva. Aí o que acontece é que não se entendia. Essa mediação do dinheiro, do capital cultural não conseguia localizar a gente. Tanto é que a prefeitura ignorou durante um tempo, e quando viu já era tarde demais. Até hoje está correndo atrás. Porque não soube ler. Não soube ler porque não existia língua para isso dentro do estado. Entende? Não existia língua sobre uma manifestação pública que não seja visando o lucro, entendeu? Inclusive meu texto surge um pouco dentro desse contexto. Vou te explicar isso já já. Mas eu acho que existe uma ruptura aí, que é uma ruptura de um grupo, aí eu acho que o grupo tomou a frente essa discussão mesmo, principalmente perante o poder público, durante os anos de 2012 por aí... 2011 a prefeitura ainda ignorava a existência do carnaval em Belo Horizonte. Foi um ano de virada, inclusive. Porque foi um ano que choveu todos os dias, 2011. Foi como se os céus dissessem assim: “Vocês querem fazer carnaval? Então eu quero ver, cara!” Choveu todos os dias, muito! E aí

foi uma prova. Foi daí que as coisas viraram mesmo, que ganhou-se uma solidez mesmo. 2012 todo mundo encara como um ano que a coisa cresceu e que se firmou... 13... o 14 agora nem se fala, né? E aí já se fala no 13 e no 14 de que vai acabar. Como tudo em Belo Horizonte, as pessoas acham que tudo vai acabar e que tem que acabar. As pessoas em Belo Horizonte têm essa coisa assim. Um desamor, quase, pelas coisas que se cria aqui. Mas voltando aí nessa questão de uma certa mudança da lógica, pode ser que ela seja só temporária, porque todo ano a gente vive ameaçado por isso. Vai ter uma hora que a cerveja vai chegar, tomar conta e transformar isso daqui numa festa qualquer. E todo ano a gente ganha uma verdadeira guerra em relação a isso. Eu considero que a gente ganhou quase todas em relação a esse monstro que é a grana, cara. A mercantilização da festa. E que ela vem, por exemplo, o ano passado, em 2012... 2013, 2012 foi quando eu escrevi esse texto. 2013 ela veio no formato dos patrocínios diretos. A Skoll veio conversar diretamente com os blocos que nem ligaram, que negaram muitos deles... que tinham... que visava uma questão comercial. Porque era ruim a proposta, outros por questão de não querer, não achar que era legal, que a festa não precisava disso. Inclusive que desinteressava a festa, que ficava menos interessante. E aí essa questão começou a ser discutida “e aí? O carnaval é político ou não é?”, “mas tem que ser político? O carnaval não é só festa?” Começaram as coisas assim, entendeu? Foi até quando eu escrevi esse texto aí. Sobre confundir, sobre que existe um território híbrido, um território sobreposto entre política e festa, entendeu? Durante esse período do carnaval, que não é pouco também. Seria inocente em dizer... estou falando pelos anos que eu já tinha passado por isso... que falam “ou é festa ou é política!”. Mas numa cidade como a nossa, fazer festa é uma questão política sim! E retomar o carnaval, inclusive a música daqui, o samba daqui, os lugares como a Lagoinha que foi um lugar que a gente visitou com o bloco. Isso tudo é político sim. A memória de Belo Horizonte é uma questão política. Tanto é que o espaço Estrela está aí com essa bandeira, né? A memória é a sobrevivência das coisas em Belo Horizonte. Ela é uma questão política porque aqui é uma cidade que vive sob o signo da modernidade, você sabe disso, e esse signo da modernidade é o signo que tudo é passado. Existe uma ruptura muito grande com o passado. O moderno se inaugura negando, numa negativa do passado. Então é uma cidade que nasceu sob o símbolo de negação, de negar as coisas, para que ela se afirmasse como uma cidade. Então isso fez com que o passado em Belo Horizonte é uma coisa negativa. Parece que é uma herança ruim e etc. Não se tem uma herança, né? Belo Horizonte vive isso. Eu acho que a minha geração, de novo em essa questão do corte geracional, já era uma geração... eu não saberia dizer em

dados estatísticos, mas que majoritariamente nasceu aqui. Meu pai não nasceu aqui, minha mãe não nasceu aqui, eu já nasci aqui e quase todos meus amigos nasceram aqui e foram criados aqui. Então a gente já tem uma memória daqui, entendeu? Já tem uma memória da cidade que a gente cresceu e que a gente tem um afeto por ela. E a gente luta um pouco por isso também, pela cidade que a gente tem afeto por ela. Essa cidade humanizada. Essa cidade que é comum a nós, né? Porque quando eu digo cidade, não é minha casa, só, onde eu moro e etc., mas o que é comum entre eu e as pessoas que eu conheço, entre eu e os lugares que eu passeio. Então de alguma forma isso consolida uma cidade também. Mas, bom, voltando à questão da política e do carnaval. O que aconteceu foi que em 2014 essa questão surgiu em 2013, do patrocínio direto, acabou que os blocos não aceitaram, e a Skoll recuou. Ela achou que poderia ser uma antipropaganda para ela ir para a rua no carnaval em BH. Ela não foi, cara! Ela não foi para a rua! Temeu! Isso antes de qualquer tipo de *Black bock* aí... nem tinha violência nem nada. Simplesmente uma opinião ruim, um território ruim pra ela. O que aconteceu foi que ela procurou a prefeitura que obviamente não pestanejou em aceitar o patrocínio e tentar casar as coisas. O patrocínio era assim... uma grana privada entra dentro da prefeitura.

João Flor de Maio – Arquiteto e artista plástico - Entrevista via Skype, Julho de 2014

Eu – Queria conversar com você um pouco sobre a praia. Qual a importância dela, como ela surgiu?

João – Você quer que eu vá falando? Você vai fazer perguntas?

Eu – Vai falando que eu vou te perguntando. Começa falando o que é a praia, como ela surgiu?

João – Nossa! Falar o que é a praia é um negócio muito complicado porque para mim é uma coisa e para cada pessoa é uma coisa diferente, né? Mas eu que é uma característica desses movimentos de hoje em dia. Tem uma apropriação muito grande das próprias pessoas que participam. O que é o movimento? Ele se ressignifica o tempo todo.

Eu – E como começou a praia?

João – bom, já estava acontecendo umas coisas no mundo de ocupações de espaço público. Eu acho que tudo é conectado no final das contas. E aí no *réveillon*, acho que há três anos atrás ou quatro, não tenho certeza, o prefeito digníssimo lá, eu preciso falar o nome dele? Não, né? Eu não gosto de falar o nome dele. Ele soltou o decreto absurdo proibindo eventos de qualquer natureza numa praça. O mais absurdo que é uma praça cívica, né? Aquele

espaço aberto foi projetado para receber eventos, para receber pessoas. Por isso que não tem árvores, não tem nada no meio. A praça foi feita pensando em eventos diversos da cidade. Até para aproveitar esse caráter de Belo Horizonte que se vende muito, até para os próprios cidadãos como cidade que tem um movimento cultural muito forte. Aí alguém soltou uma nota falando assim: “vá de branco” chamando num sábado para a galera ir, como se tivesse indo para uma praia. Era um verão, estava muito quente. Tem uns amigos meus que falam que eu que fiz isso, mas não fui eu. Ninguém sabe na verdade quem foi. E aí a gente foi lá e surpreendentemente apareceu mais gente do que a gente imaginava. Foi um evento tão gostoso que as pessoas continuaram indo e acabaram... Como já existia uma satisfação guardada política mesmo na cidade, dessas pessoas, especialmente pessoas ligadas a movimentos culturais, porque não tinha uma resposta política, oficial, interessante, essas discussões começaram a acontecer ali. E aí assim... o ano foi passando e tal, quando chegou o inverso, a praia murchou porque estava frio. Tem uma coisa que é física mesmo, né? O sol faz com que você vá para a rua. Você quer encontrar com as pessoas. Não é à toa que teve a primavera árabe na primavera. As pessoas começam a sair mais, se encontram na rua. Não que as pessoas param de discutir em outras épocas do ano. Mas elas discutem em outros espaços. O espaço da praça, ele está muito ligado eu acho que isso é interessante também, a esse aspecto que muda durante o ano. O sol existe, o sol te chama para a rua. Bom, só que no ano seguinte, quando teve o outro verão, voltou a praia e aí já começaram as discussões dentro da própria praia... será que é válido a gente continuar fazer a praia? Será que não é valido? Por que a gente está fazendo isso? E foram surgindo outras coisas na cidade e muitas delas são discutidas até mesmo dentro da própria praia. Ali na área do viaduto de Santa Tereza tem reuniões. Antes da praia mesmo, tinha um encontro lá que chamava Domingo Nove e Meia. Que aproveitava esse espaço que, mas outra característica física de espaço. Era um espaço coberto, tipo um teto, contra o sol, contra a chuva. Ali você consegue se encontrar em épocas que na praia você não se encontra. E até hoje o viaduto tem sido também um outro espaço. Tinha o duelo de Mcs que está parado, mas hoje, por exemplo, está tendo protestos contra a copa, e vai ter duelo de Mcs dentro do protesto contra a copa, não sei se viu isso. E, bom, depois disso aconteceu... teve um quase cancelamento do FIT, por exemplo, que foi uma coisa que foi discutida dentro do espaço da praia. O FIT que é um evento importante para Belo Horizonte. Novamente a revolta das pessoas com o fato da prefeitura ter tido essa ideia estúpida de cancelar o evento, levou as pessoas a irem para esse espaço, discutirem e acabou que a prefeitura voltou atrás e fez o evento, foi até bem às

pressas, mas aconteceu, foi até interessante. E eu acho que isso incentivou também outros movimentos similares. Igual a gente teve mais recentemente o espaço Luis Estrela, que foi uma ocupação de um edifício público, né? Não é um espaço aberto, mas é um espaço público também. E que também estava abandonado. Novamente o poder público a princípio foi... não quis conversar com os manifestantes, mas depois mudou e tentou até incorporar a coisa com uma certa propaganda e o carnaval que a gente não pode esquecer. Que eu acho que o ressurgimento do carnaval em Belo Horizonte, eu acho que hoje em dia é um dos carnavais mais interessante do Brasil, porque ele é livre, né? Ele não tem patrocínio oficial, ele é extremamente político, ele aconteceu muito dentro das conversas que rolava na Praia da Estação. Não é à toa que ela continua sendo um ponto de encontro, um centro de referência em todos os carnavais. Muitos blocos vão para lá. Tem eventos que se encerram lá no fim dos dias. E a praia tem acontecido pelo menos durante os carnavais. Esse ano não estou acompanhando muito porque eu não estou no Brasil. Mas a praia... o que que ela é certamente não é o que que ela era, mas eu acho que ela cumpriu um papel interessante sim de articular a cultura dentro da cidade.

Eu – Então você acha que a partir da praia esse encontro dentro da praia fortaleceu ou surgiram outros eventos político-culturais dentro da cidade nos espaços públicos?

João – É um pouco difícil eu falar que foi por causa da praia, mas dentro da praia isso aconteceu com uma força muito grande. Essas conversas, articulações e troca mesmo de contato, de gente que às vezes fazia coisas similares, mas não se conheciam, e trombar ali, e vê que tem um amigo em comum e se apresenta, abacá que leva a novas coisas, porque a gente... hoje em dia o espaço básico que a gente fica o dia inteiro é esse que a gente está aqui, da Internet e ele é diferente do espaço público. Às vezes o espaço público ele tem essa coisa que eu te falei da organicidade, que eu acho que ela é interessante para os tipos de eventos que têm surgido em Belo Horizonte. São eventos muito ligados a isso, a gente tomar nosso corpo como uma instância política e ocupar a cidade para festa, para tudo.

Eu – E quem são as pessoas que frequentam a praia?

João – A Praia da Estação? Isso também varia. Tem uma classe média de esquerda que vai bastante e está geralmente ligada a movimentos sociais, algumas pessoas ligadas a partidos de esquerda, também tem muitos anarquistas que não são ligados a partido nenhum. E é interessante porque a praia é um lugar onde essas pessoas conversam. Por exemplo, nas manifestações de Belo Horizonte no ano passado aconteceu uma coisa um pouco diferente do que aconteceu em São Paulo e no Rio com relação aos partidos políticos. Porque nessas

outras cidades aconteceram ataques contra pessoas de partidos políticos. De ter gente ser quase linchada dentro da manifestação. Enquanto a praia ela de certa forma permitiu que essas pessoas apartidárias, os anarquistas e outros, entrasse em contato com essa esquerda mais tradicional, antiga, como queira chamar, e soubesse definir uma agenda comum daquele momento. Todo mundo tinha problemas com questão da copa do mundo. Todo mundo queria protestar. Então por que o cara do partido não tem direito de protestar? Apesar de que o PT não aparece mais tanto, porque ele está no governo. Mas tem petista também, aparece gente de direita, tem morador de rua, muito morador de rua. Isso foi outra coisa importante porque os moradores de rua em Belo Horizonte estão sofrendo um processo de criminalização. Esses movimentos de certa forma colocaram em evidência isso. Os grupos que apoiam esses moradores de rua, as políticas sociais com relação a eles estão com mais visibilidade na cidade hoje.

Eu – O que acontece durante a manifestação do movimento na praia? Todas as pessoas que você citou participam em comum?

João – A praia em si, em geral, não é um lugar direto de manifestação. No carnaval talvez pouco mais, mas mesmo no carnaval é um lugar de festa. É o Lefebvre que fala que a cidade é o lugar da festa, acho que é. Mas enfim, mas eu acho que a importância é exatamente essa porque as pessoas precisam desse espaço da festa para elas articularem, inclusive, política. Mas a praia em geral, as pessoas aparecem lá, se deitam como estivessem numa praia mesmo, levam seus biquínis, jogam vôlei e em conversas informais que se fala de política. Dificilmente tem uma praia, assim, já teve algumas, mas... “vamos conversar sobre isso, sobre o evento tal que vai acontecer, como é que a gente vai fazer”. Mas ela é um começo para uma série de coisas nessas conversas que acontecem lá dentro.

Eu – E tem alguma manifestação artística dentro desse movimento?

João – Tem, mas normalmente são coisas muito livres. Frequentemente aparece *performances*, que fazem ações dentro da praia. Bom, teve um evento lá que eu fui preso, que... bom, vou contar um pouquinho a história, com que foi. A praça tem uma fonte, que inclusive eles não têm ligado mais, para tentar atrapalhar o movimento, que não faz diferença porque as pessoas dão um jeito. E nesse dia quando ligaram a fonte, um rapaz tirou a roupa. Era uma época que tinha uma tensão política contra o prefeito, o mesmo prefeito do decreto, e rapidinho apareceram policiais e fizeram ele se vestir de novo. A guarda municipal... foi em segundo. Eu não sei como, de repente apareceu o batalhão inteiro da polícia ali. Cavalos... enfim... uma coisa absurda porque o cara ficou segundo ali sem roupa,

na praça. E eles queriam levar o cara de qualquer jeito. E nesse dia faltava uma semana para o carnaval acontecer. O carnaval que no Brasil a gente sabe que tem uma musa nua, toda chamada de manhã até a noite dançando na TV. Mas talvez porque o corpo da mulher é usado talvez como uma objetificação, ele é aceito. Na TV é aceito, mas no caso era um homem que estava nu ali na praça e isso causa um desconforto diferente, talvez. Porque o policial não pode objetificar o corpo do homem. O machismo entra aí também, né? Ele não consegue deixar de ver que aquilo ali é um homem nu. No caso da mulher às vezes ele vê só como um objeto de prazer para ele. E imediatamente as pessoas botaram o rapaz no camburão e alguns advogados foram tentar conversar com os policiais, falar que aquilo não era necessário. Eles queriam prender o cara de qualquer jeito. Queriam usar a força, né? E aí naquela confusão, naquela emoção veio o pessoal que estava tocando, um bloco de carnaval que estava ensaiando, e ficou tocando na frente do carro da polícia. Algumas pessoas se sentaram no chão para impedir o carro de polícia de sair. Mas os guardas, a polícia militar veio formando um cordão, eles se dão os braços e foram empurrando as pessoas que conseguiram escapar. Levaram o rapaz e nessa hora todo mundo começou a gritar, muito emocionados: “vamos tirar a roupa também” foi aí que eu tirei a roupa, só que eu achei que ia ser um movimento. No caso, eu acho que a maioria ficou um pouco tímida e eu soube que mais uma ou duas pessoas tiraram a roupa também, mas por alguma razão a polícia me levou. E foi bem tenso, porque tinha helicóptero. O que me revoltava aquele momento era a mobilização enorme do estado por causa de um motivo absolutamente banal. Isso pra mim deixaram algumas coisas que são subentendidas muito claras. Por exemplo, que você não tem o direito sobre seu próprio corpo. Você não pode usufruir do seu próprio corpo. Porque o Estado é que deve ordenar seu corpo. No momento que você atenta sobre isso, o Estado vai responder de uma forma extremamente violenta. Isso ficou muito óbvio ali. Eu só fiz aquilo porque eu não estava bêbado, eu tinha plena consciência do que eu estava fazendo ali naquele momento. E eu pensei: “se eu não fizer nada agora eu acho que eu vou me sentir muito mal, vou me arrepender muito. Eu vou fazer alguma coisa”. Fiz a única coisa que podia, me juntar ao nu e ficar nu também.

Eu – Você está falando muito sobre a questão do Estado. Você acha que existe uma negligência do estado contra os jovens em Belo Horizonte?

João – Existe com Certeza. Chega a ser injusto falar do caso de Belo Horizonte, porque é muito extremo. A gente tem um descaso da atual da administração, com todas as instâncias da política social. E eles perseguiram todos os movimentos, sem exceção, de Belo Horizonte,

que existem. O duelo de Mcs... tudo que acontece espontaneamente dentro da cidade, a prefeitura de alguma forma inventou uma punição, perseguiu de alguma forma maneira durante essa administração. E essa mesma administração voltou, infelizmente, mas isso acho que reflete muito a situação de hoje em dia. Essa juventude tem muita dificuldade em se ver representada dentro da política oficial que existe.

Eu – E qual a importância e efeito que você vê dessas manifestações atuais, contemporâneas que você vê em Belo Horizonte? Qual a importância que você vê dentro das comunidades, dentro da cidade?

João – O que eu vejo é que a cidade, dentro do contexto que a gente vive, que é muito agressivo com relação a essas comunidades mais pobres, a gente tem conseguido mobilizar mais gente, inclusive com relação à resistência mesmo dessas comunidades. A gente sabe que tem uma série de ocupações lá em Belo Horizonte, que já foram ameaçadas várias vezes pela polícia e hoje em dia essa rede de pessoas que se conhecem que traçam informações e eu, inclusive, não estou em Belo Horizonte agora, mas eu tento pelo menos divulgar isso, pela internet mesmo para meus outros amigos que estão lá saber. Por exemplo, se a polícia ameaça alguma ocupação específica, a gente manda os advogados para lá. Se a gente sabe que alguma comunidade está precisando de alguma coisa, de algum apoio específico, a gente consegue articular isso mais rápido. Tudo isso nasceu dessas conexões que a gente criou.

Eu – Há alguma organização, tem organizadores ou não?

João – Oficialmente, e isso é uma coisa atual, ninguém se assume como organizador, você normalmente tem pessoas que puxam mais as coisas que toma frente que falam, mas dificilmente você vai encontrar alguém que fale que é o organizador ou é o líder de algum desses movimentos. E se alguém fizer isso, em muitos momentos essas pessoas vão, provavelmente, vai ser rechaçada.

Eu – O motivo disso é porque é mais horizontal?

João – É. A orientação das pessoas é mais a horizontalidade na política. Acho que é o que todo mundo busca. Às vezes a gente foge disso, claro, ok. Política é uma coisa complexa. Não é preto no branco. Mas, por exemplo, quando teve a ocupação da prefeitura lá, algumas pessoas se dividiram em comissões. Alguns organizavam a cozinha, alguns organizavam a limpeza, alguns organizavam a parte de segurança. É muito parecido com o encontro de arquitetura. Toda vez que você tem uma ocupação de um espaço mais permanente, mais duradouro, é como se você criasse uma cidade, uma cidade efêmera, que vai durar ali uma

semana, um dia ou meses, no caso do *occupy wall street*, por exemplo. Acaba que surgem as demandas fisiológicas no lugar.

Eu – E você vê alguma influência global dentro, dentro dessas manifestações, como você citou o *occupy* de NY?

João – Eu não vejo uma influência direta tipo “ah! Vamos fazer isso porque a gente viu o movimento *occupy wall street* ou a primavera árabe”, mas é claro que a gente... o fato da gente saber hoje em dia, principalmente com a Internet, dessas coisas acontecendo no mundo em tempo real e da gente conseguir escapar um pouco da mídia tradicional que muitas vezes a gente consegue, hoje em dia mais nem tanto esconder essas coisas. Como na Turquia, por exemplo, eles pensaram até em bloquear a Internet do país para tentar evitar para que as pessoas ao redor do mundo soubessem o que estava acontecendo ali. Então, eu acho que tem a ver também com a forma de se mobilizar que esses meios eletrônicos estão trazendo. Que é assim, uma pessoa faz uma página: “vamos fazer um protesto em Belo Horizonte no dia da copa”. Ninguém sabe quem é que fez essa página e de repente tem 100.000 pessoas na rua. É impressionante. É como as coisas acontecem hoje em dia.

Eu – E como que você vê a evolução da praia e hoje em dia? De como ela surgiu e do que ela é agora?

João – Olha, eu acho que eu agora a Praia da Estação é uma coisa pequena em vista do que ela já foi. Mas eu acho que isso é uma coisa natural, até pelo fato dos desdobramentos que a própria praia teve, né? As coisas acontecem em outros momentos, em outras instâncias, então talvez ano que vem, não sei se vai acontecer a praia, talvez só aconteça eventualmente e com caráter até menos político. Porque essa política agora está se articulando também em outros lugares da cidade e, inclusive, aconteceram durante o carnaval uns eventos similares à praia em outras cidades, em Contagem, Betim, coisa que antes ficava tudo centralizada ali

Eu – Houve uma disseminação ali?

João – Houve uma dispersão. Mas eu não uso essa palavra dispersão no sentido pejorativo não. Acho que foi interessante, ela se espalhou.

Eu – Então é isso.

Vitor Gontijo – Jornalista – Entrevista in loco – Setembro de 2015

Eu – Qual é seu nome?

Vitor Gontijo.

Eu – Quantos anos você tem?

Vitor – Tenho 33.

Eu – Então Vitor, conta sua história na praia.

Vitor – Minha história eu acho que é igual à de todo mundo. Cada um tem seu motivo. Mas existe um motivo grande e comum. Desde que a praia surgiu como um movimento de protesto contra uma medida que a prefeitura fez, que ela proibiu qualquer tipo de manifestação na praça aberta de Belo Horizonte, e aí ironicamente veio esse tipo de protesto, que é lindo, a Praia da Estação. Eu vim para fortalecer o movimento, esse protesto.

Eu – Você veio desde a primeira vez?

Vitor – Eu vim desde a primeira vez.

Eu – E você vê uma mudança de público?

Vitor – Mudança de tudo. De público, de quantidade de... muito eclético. Começou com uma turma mais focada, mais militante da área cultural, creio eu. E é para isso, para o movimento ganhar essa força que tem hoje, ele tinha que ser aberto, portas abertas para todo mundo que quiser chegar chegando.

Eu – E hoje em dia você vê qual a importância da praia na cidade?

Vitor – Eu acho que é mais uma manifestação que está durando. Não é aquela sazonal. Acho que fortaleceu, que o recado foi dado porque a praia como esse movimento cultural de protesto teve muitas vitórias, eu acho. Ela deixou chegar na vista de quem tinha que ver, dos poderes públicos, e achou seu espaço como manifestação cultural protestante.

Eu – Então é isso, obrigada.

Bruno Medeiros - Músico e professor – Entrevista in loco – Setembro de 2015

Eu – Qual é seu nome?

Bruno Medeiros.

Eu – Qual sua profissão?

Bruno – Professor e músico.

Eu – Desde quando você vem à praia?

Bruno – Desde 2010. Acho que é isso.

Eu – Conte-me um pouco dessa história. Por que você começou a vir? Qual foi o motivo?

Bruno – Motivo real foram as pessoas. Eu lembro de ver algumas coisas na Internet na época de pessoas como o Luiz Gabriel e mais uma turma tocando um violão e fazendo menção à praia. E a gente não tem mar mesmo, então foi isso. À frente o mar de carros.

Eu – E qual foi o motivo do início da praia?

Bruno – Eu acho que teve um apelo político porque na época o Lacerda tinha feito um decreto proibindo a utilização do espaço público. Se é que isso é possível, o espaço é público. E acho que muita gente foi levada mesmo politicamente. Mas eu particularmente, eu vim mais pelas pessoas. Porque no final das contas coincide porque essas pessoas que valorizam o movimento é uma turma do bem de certa forma. Eu vinha para ficar cercado de gente legal. Para mim era o mais importante. Coincidentemente essas pessoas legais são pessoas engajadas politicamente.

Eu – E você conheceu pessoas na praia?

Bruno – Conheci demais. Muita gente de outras bandas, muita gente de outros nichos. Gente de todo tipo mesmo, artistas esportista, zen budista.

Eu – E esse encontro ficou só aqui ou você continuou tendo contato com essas pessoas?

Bruno – Continuou. No mesmo período que começou a praia, acho que foi uma mistura que abriram portas. Local de encontros pontuais.

Eu – E você enxerga alguma mudança dessa ocupação? No público atualmente?

Bruno – Acho que está agregando. Tem pessoas diferentes, mas as pessoas antigas continuam. Eu acho que é a propagação da ideia que o espaço público é público. Que deve ser ocupado, bem utilizado e às vezes até transformado, como é o caso da praia.

Eu – E desses encontros que você falou que conheceu pessoas. Esses encontros fora da praia tiveram algum tipo de produção nova?

Bruno – Sim. Acho que um tanto de banda surgiu nesse período. Muitos amigos reconhecidos começaram processos relacionados a bandas e até blocos de carnaval que continuam hoje e são referências na cidade.

Eu – Você acredita que a praia vai ser duradoura ou é mais um evento que irá dispersar ao longo do tempo?

Bruno – Acho que tem uma força inicial de comunhão, de junção de classes. Você vê diversas tribos que se relacionam. Acho que continua sim. Talvez não pelos mesmos motivos, mas acho que continua.

ANEXO B - Detalhamento das manifestações mapeadas pelo grupo Indisciplinar⁷⁷

Novembro 2006 – Ocupação Caracol

28 de Abril 2007 - Ocupação Joao de Barro 1

24 de Agosto 2007 – Primeiro Duelo de Mc's

7 de Setembro 2007 - Ocupação Joao de Barro 2

16 de Janeiro 2008 - Ocupação Joao de Barro 3

16 de Fevereiro 2008 - Ocupação Camilo Torres 1

1 de Outubro de 2008 - Ocupação Camilo Torres 2

21 de Fevereiro 2009 – Resurgimento Carnaval

9 de Abril 2009 - Ocupação Dandara

16 de Janeiro 2010 - Primeira Praia da Estação,

13 de Fevereiro 2010 – Carnaval

26 de Março 2010 - Ocupação Irmã Dorothy

20 de Setembro 2010 - Incêndio Torres Gêmeas

1 de Outubro 2010 - Início do COPAC

16 de Janeiro de 2011 - Aniversário 1 ano de Praia da Estação

5 de Março 2011 – Carnaval

13 e 14 de Abril 2011 - Seminário COPAC

8 de Junho 2011 - PICNIC na Rua Sapucaí _Cidade ELETRONIKA

18 de Junho 2011 - Marcha das Vadias

12 de Julho de 2011 - Audiência Pública COPAC

24 de Setembro 2011 - Primeira Marcha Fora Lacerda

30 de Novembro 2011 - Debate COPAC

16 de Janeiro 2012 – Praia da Estação

18 de Fevereiro 2012 – Carnaval

21 de Abril de 2012 - Ocupação Eliana Silva

26 de Maio 2012 - Marcha das Vadias

⁷⁷ Informações cedidas pelo Grupo Indisciplinar através de compartilhamento de arquivos no GoogleDocs e mapeamento do site. Disponível em: blog.indisciplinar.com/

15 de Agosto 2012 - Surgimento da Real da Rua + Família de Rua
25 de Agosto 2012 - Copelada na Praça da Estação
1 de Setembro 2012 - BH em Ciclo - Dia mundial sem carro
3 a 9 de Setembro 2012 - Cidade Eletrônica
1 de Dezembro 2012 - Ato Barraqueiros do Mineirão
9 de Dezembro 2012 - Primeiro Escorrega na Praça do Papa
12 de Dezembro 2012 - Marcha COPAC + Segunda Marcha Fora Lacerda

13 de Janeiro 2013 - Segundo Escorrega na Praça do Papa
16 de Janeiro 2013 – Praia da Estação
9 de Fevereiro 2013 – Carnaval
19 de Fevereiro 2013 - Início Movimento Fica Ficus
8 de Março 2013 - Inicio Ocupação Guaranai-Kaiowá
16 de Março 2013 – PicNic Fica Ficus
21 de Março 2013 - Audiência Pública do Corredor Cultural
11 de Abril 2013 - Audiência Pública Fica Ficus
1 de Maio 2013 - Início Ocupação Rosa Leão
4 de Maio 2013 - Primeiro evento na Vila Dias
5 de Maio 2013 - Marcha das Vadias + Início Fica Vila
26 de Maio 2013 - Churrascão Fica Vila
27 de Maio 2013 - Apresentação do projeto Corredor Cultural Estação das Artes
9 de Junho 2013 - Ato Turquia Livre
13 de Junho 2013 - Segundo Seminário COPAC
14 de Junho 2013 - Proibição de Manifestação durante Copa em Minas Gerais
15 de Junho 2013- 1º GRANDE ATO (Manifestação Savassi à praça da Estação 8mil pessoas)
+ Copelada Savassi + Picnic Junino Fica Ficus
17 de Junho 2013 - 2º GRANDE ATO contra a Copa das Confederações de Futebol
18 de Junho 2013 - Primeira Assembleia Popular Horizontal
19 de Junho 2013 - Concentração Praça Sete
20 de Junho 2013 - 3º GRANDE ATO (Contra a Rede Globo)
21 de Junho 2013 - Marcha Barreiro
22 de Junho 2013 - 4º GRANDE ATO Copa das Confederações de Futebol
23 a 25 de Junho 2013 - Invasão Reitoria UFMG
26 de Junho 2013 - 5º GRANDE ATO Copa das Confederações de Futebol
27 de Junho 2013 - Audiência Pública Fica Vila Dias
28 de Junho 2013 - Ocupação da Câmara

4 de Julho 2013 - Câmara Ocupada - Aulão Público Direito à Cidade

5 de Julho 2013 - Câmara Ocupada + 7º GRANDE ATO Copa das Confederações de Futebol

7 de Julho 2013 - A OCUPAÇÃO I - Ocorredor Cultural já Existe + fim da ocupação câmara com passeata ate centro de BH

10 de Julho 2013 - 8º GRANDE ATO contra a Copa das Confederações de Futebol

16 de Julho 2013 - Ocupação Vitória

20 de Julho 2013 - 9º GRANDE ATO contra a Rede Globo

10 de Agosto 2013 - 5º Conferência das Cidade

11 de Agosto 2013 - A OCUPAÇÃO II - Corredor Cultural já Existe

8 de Setembro 2013 - O Mineirão é Nosso + Lançamento documentário Dandara

21 de Setembro 2013 - Lançamento Projeto de Lei Tarifa Zero

22 de Setembro 2013 - A OCUPAÇÃO Tarifa Zero + Surgimento do movimento Tarifa Zero

14 de Outubro 2013 - A OCUPAÇÃO IV - Rua Conselheiro Rocha

23 de Outubro 2013 - Primeiro Ato contra a Operação Urbana Consorciada

26 de Outubro 2013 - Ocupação Espaço Luiz Estrela

20 de Novembro 2013 - Segundo Ato contra a Operação Urbana Consorciada

28 de Novembro 2013 - PRIMEIRA GRANDE MARCHA DAS OCUPAÇÕES 'GRANDE BH'

5 de Dezembro 2013 - ATO CUMpra O DECRETO VILA ACABA MUNDO

12 de Dezembro 2013 - BH Protestos Awards- Viaduto de Santa Tereza

14 de Dezembro 2013 - A OCUPAÇÃO V – Barreiro

11 de Janeiro 2014 - Festa 1, Aniversário 4 anos Praia da Estação

18 de Janeiro 2014 - Festa 2, Aniversário 4 anos Praia da Estação/ Viaduto Ocupado

25 de Janeiro 2014 - PicNíc Fica Ficus + Praia da Estação

25 de Janeiro 2014 - Primeiro Grande Ato Não Vai ter Copa

29 de Janeiro 2014 - Assembléia Mercado Destrítal

30 de Janeiro 2014 - 1º Ato Abaixou o Custo, Abaixa a Tarifa

31 de Janeiro 2014 – Massa Crítica

2 de Fevereiro 2014 - Assembléia Popular + COPAC/Praia de Iemanjá

6 de Fevereiro 2014 - 2º Ato Abaixou o Custo, abaixa a Tarifa

7 de Fevereiro 2014 - Praia da Estação Ensaios dos Blocos de Carnaval

9 de Fevereiro 2014 - Virada Cultural Ocupação do Viaduto Santa Tereza

15 de Fevereiro 2014 - Grande Inauguração BRT MOVE, Tarifa Zero - Avenida Santos Dumond com Rua da Bahia /Praia da Estação Ensaio dos Blocos de Carnaval

22 de Fevereiro 2014 - 2 Ato não Vai ter COPA na Praça Sete de Setembro

1 a 4 de Março 2014 - Carnaval + Inauguração do ônibus Tarifa Zero

21 de Março 2014 - Duelo de MC's em frente a Prefeitura

22 de Março 2014 - Estrela em Catarse, movimento, festa, para construção coletiva do Espaço Comum

3 de Abril 2014 - 1º ato se a tarifa não baixar a cidade vai parar

5 de Abril 2014 - Estrela em Catarse, movimento, festa, para construção coletiva do Espaço Comum

7 de Março 2014 - 2º ato se a tarifa não baixar a cidade vai parar

3 de Maio 2014 - ATO NACIONAL - Copa sem povo, tô na rua de novo

4 de Maio 2014 - Encontro das Assembléias-Viaduto de Santa Tereza

12 de Maio 2014 - 3º ato se a tarifa não baixar a cidade vai parar

15 de Maio 2014 - 15M + 4º ato se a tarifa não baixar a cidade vai parar

17 de Maio 2014 - Festa de Aniversário Ocupação Rosa Leão- 1 ano

20 de Maio 2014 - 5º ato se a tarifa não baixar a cidade vai parar

24 de Maio 2014 - Marcha das Vadias 25

29 de Maio 2014 - A OCUPAÇÃO VI - Guarani-Kaiowá

12 de Junho 2014 - Copa sem povo, tô na rua de novo Praça da Liberdade

14 de Junho 2014 - Copa sem povo, tô na rua de novo Praça Sete

17 de Junho 2014 - Copa sem povo, tô na rua de novo Savassi

22 de Junho 2014 - A OCUPAÇÃO VII - Futebol é do Povo

24 de Junho 2014 - Ato em Desagravo as Prisões

2 de Julho 2014 - Duelo de MC, Ocupações em Luta, em frente a PBH

5 de Julho 2014 - Manifestação contra COWAN e marcio lacerda (queda do viaduto)

11 de Julho 2014 - Pedalada Não foi um Acidente, Av. Pedro Primeiro, 17 horas

18 de Julho 2014 - inicio festival inverno ufmg campus pampulha

30 de Julho 2014 - Ato nacional de liberdade

2 de Setembro 2014 - Aniversário Ocupação Vitória, realizado na Ocupação

8 de Setembro 2014 - Primeira reunião geral do #ResisteIsidoro na Escola de Direito da UFMG

10 de Setembro 2014 - A Ocupação VIII, Ocupação Esperança_ Resiste Isidoro

11 de Setembro 2014 - UFMG Contra o Despejo, Praça de Serviços Campus.

15 de Setembro 2014 - Resistência Cultural - Todos por Isidoro - Ocupação Esperança

16 de Setembro 2014 - Resistência Cultural - Todos por Isidoro - Ocupação Rosa Leão >

17 de Setembro 2014 - Resistência Cultural - Todos por Isidoro - Ocupação Vitória >

18 de Setembro 2014 - Ato contra o despejo das ocupações do Izidoro #RESISTEISIDORO em frente ao TJMG, Avenida Afonso Penna.

22 de Setembro 2014 - Ocupações Isidoro ocupam Caixa Econômica Federal

24 de Setembro 2014 - Almoço Solidário na Ocupação Vitória

Curriculum Vitae

INFORMAÇÃO PESSOAL

Patrícia de Souza Cançado Amorim

📍 Rua Helena Antipoff, 311, São Bento, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

☎ +55 31 25510931 📠 +55 31 997784567

✉ patiamorim@hotmail.com

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- 2014 – presente **Elaborda e Produtora de Projetos Socioculturais**
TRAMA – Concepções de Projetos
- Desenho de projetos de candidaturas a financiamento público e privado de grupos artísticos, institutos culturais e outros.
 - Elaboração de projetos socioculturais para contrapartida social empresarial
 - Produção Cultural
- 2014 Assistente de Produção do Festival Visual Brasil – Barcelona, Espanha
- 2013-2014 Organizadora/produtora do Festival Cultural Pé na Terra – Algarve, Portugal
- 2012 Arquiteta voluntária no Museu Histórico Abílio Barreto – Belo Horizonte/MG – Brasil
- 2012 Arquiteta Urbanista no Escritório PPA Arquitetura 0 Belo Horizonte/MG - Brasil
- 2010-2011 Estagiária no escritório Arquitetura Oscar Ferreira – Belo Horizonte/MG - Brasil
- 2009-2010 Estagiária no escritório de arquitetura e design Black Box – Belo Horizonte/MG - Brasil
- 2009 Estagiária no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), Belo Horizonte/MG
- 2007 Estagiária no evento de arquitetura e decoração Casa Cor - Belo Horizonte/MG - Brasil

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

2007 – 2011

Licenciamento em Arquitetura e Urbanismo

Instituto Metodista Izabela Hendrix, Brasil

- Pesquisadora bolsista em Sustentabilidade Urbana
- Representante do corpo discente na Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura
- Vice-Presidente do Diretório Acadêmico Estudantil
- Monitora de Urbanismo

2012 – presente

Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura

ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna Português

Outras línguas

Indique a Inglês

COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral	
B2	C1	C1	B2	B2

Níveis: A1/2: Utilizador básico - B1/2 utilizador independente - C1/2: utilizador avançado
Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Competências de comunicação

- boa capacidade de comunicação desenvolvido na Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura – Brasil

Competências de organização

- boa capacidade para trabalho em grupo e liderança, desenvolvidos através da representação do corpo discente no Conselho da Escola de Arquitetura e Urbanismo no IMIH, e como vice-presidente do Diretório Acadêmico Estudantil do IMIH

Competências técnicas

- bom domínio no desenvolvimento de projetos arquitetônicos para aprovação na Prefeitura de Belo Horizonte, desenvolvido como estagiária no escritório de arquitetura Oscar Ferreira.
- Bom domínio em detalhamento de projetos de design de produtos e interiores, desenvolvidos como estagiária no Escritório de Design Black Box

Competências técnicas

- bom domínio do Microsoft Office
- bom domínio do AutoCad
- bom domínio do SketchUp
- bom domínio do Photoshop

